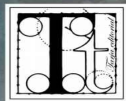


Renato A. Azevedo

De Roswell a Varginha



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

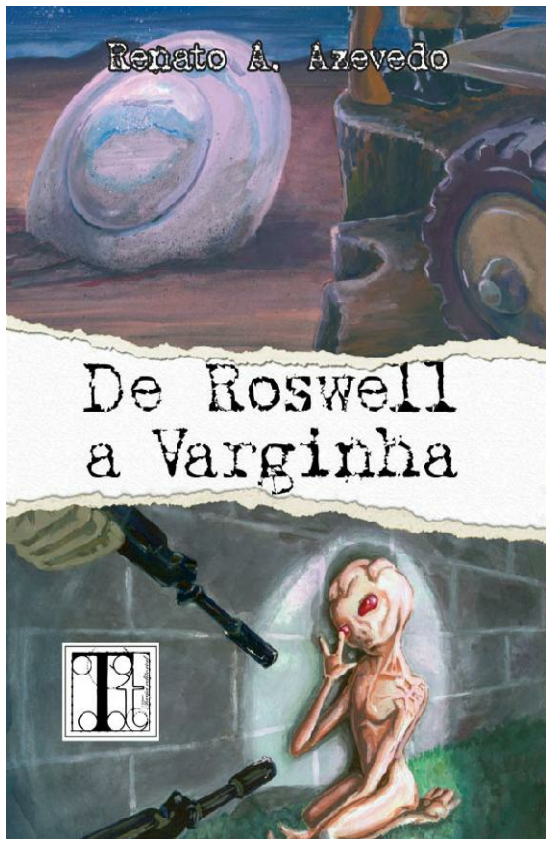


Índice

[Apresentação](#)
[Capítulo Um](#)
[Capítulo Dois](#)
[Capítulo Três](#)
[Capítulo Quatro](#)
[Capítulo Cinco](#)
[Capítulo Seis](#)
[Capítulo Sete](#)
[Capítulo Oito](#)
[Capítulo Nove](#)
[O Caso Varginha](#)
[Sobre o Autor](#)
[Sobre a Editora](#)

Renato A. Azevedo

De Roswell
a Varginha



De Roswell a Varginha

Copyright © 2008 Tarja Editorial

Todos os direitos desta edição reservados à Tarja Editorial. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, de forma alguma, sem a permissão formal, por escrito da editora e do autor, exceto para citações incorporadas em artigos de crítica ou resenhas.

Publicado no Brasil

Editores: Gianpaolo Celli / Richard Diegues

Revisão: Silvia Helena Penhalbel / Marco de Ruandom

Projeto Gráfico: Verena Peres / Richard Diegues

Ilustração de Capa: Fernando R. Fernandes / Patricia A. Pereira

Diagramação de Capa: Verena Peres

Diagramação de Miolo: Richard Diegues

De Roswell a Varginha / Renato A. Azevedo. -- São Paulo
Tarja editorial, 2013.

1. Romance: Literatura brasileira - I. Azevedo, Renato A.
CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance: Literatura brasileira : Discos Voadores
869.93



Literatura Fantástica **Muito Além Dos Gêneros**

Tarja Editorial Ltda.
São Paulo / SP / Brasil
editora@tarjaeditorial.com.br
www.tarjalivros.com.br
www.tarjaeditorial.com.br
@TarjaEditorial

Todas as citações e nomes incidentes neste livro são fruto do inconsciente de seu autor, devendo ser encarados como não intencionais, exceto nos casos de citações de figuras públicas notoriamente reconhecidas e de não-humanos de outras dimensões devidamente registrados e catalogados pela equipe da Área 51. Os que são realmente intencionais, servem apenas para embasar as histórias e dar mais prazer ao leitor, não chegando nem mesmo perto da idéia de ofender os mortos. Mas ainda assim, caso sinta-se ofendido com algo nestas páginas, basta fechar a obra. Todavia, se resolver insistir, compreenda que o mundo não gira ao seu redor e coincidências realmente ocorrem. Todas as opiniões expressas nessa obra pertencem ao seu autor, mas os editores concordaram em publicá-las, portanto, reclamar com eles não adiantará. Os animais e alienígenas eventualmente feridos e molestados durante a produção desta obra passam bem,

com excessão de um ser humanóide não identificado. A cola usada na lombada pode conter glúten. Sim, exercício provoca enfarto e TV causa retardamento mental. Vá ler!

Sonhos impossíveis, realidades plausíveis

Queda de uma nave alienígena em Roswell? Captura de seres extraterrestres em Varginha? Que coisas são estas de que estamos falando? Tem razão os que pensam que estes assuntos parecem fantasia, lembram alguma elucubração saída de mentes doentias. Sim, eles têm razão em achar que tais temas sejam pura ficção científica. Pois quem, em sã consciência, acreditaria que possam existir outras espécies no universo, compostas de seres inteligentes como nós? Impossível, somos os únicos! Ainda mais que tais seres tenham tecnologia superior à nossa e possam se lançar em aventuras cósmicas, tendo a falta de juízo de virem a Terra e, pior, o azar de se esborracharem em algum deserto do sul dos Estados Unidos ou numa bucólica cidade do sul de Minas Gerais.

Nonsense, dirão os mais intelectualizados. Loucura, falarão as pessoas mais simples. Absurdo, proclamarão os céticos. Pois é. É exatamente o que parece, exceto que... estes fatos são reais, terrivelmente reais, impressionantemente reais. Por mais que se queira pensar o contrário, são abundantes e inquestionáveis as evidências de que tanto a queda de uma nave alienígena em Roswell ocorreu quanto a captura de seres extraterrestres em Varginha é uma realidade. Não importa o que dirão os mais intelectualizados, o que falarão as pessoas mais simples e o que proclamarão os céticos. Contra fatos, não há argumentos! E se ocorreram mesmo tais incidentes, o que isso muda para nós, humanos deste planetinha azul? Eu diria que tudo. Ou, pelo menos, muda tudo para aqueles que têm consciência do significado de tais fatos. E que significado é este?

Vamos começar descobrindo que não apenas não somos os únicos seres inteligentes do universo, mas que eles existem em abundância, talvez espalhados por bilhões de planetas. Alguns podem ser praticamente idênticos a Terra, mas estes seriam desinteressantes para nós, quando comparados com aqueles que devem ser absolutamente diferentes, com distintas formas de manifestação e de vida. Ah, estas possibilidades fascinam! Como se agrupariam tais espécies? Em famílias, bandos, grupos, países? Teriam religiões, crenças, fé? Saberiam algo além do bem e do mal, nossos poucos conceitos terrenos? Poderiam dialogar conosco, trazer ensinamentos, ajudar em nosso atraso, mover nossos horizontes para mais além de onde estão hoje? Não tenho a resposta para estas perguntas, mas saber que não estamos sós no universo já me dá esperanças suficientes para aguardar o dia em que vou tê-las. Porém, não sentado e acomodado, mas buscando-as incessantemente!

“A ficção científica de um século é a ciência do século seguinte”, me dizia, ainda nos anos 80, uma das maiores buscadoras de respostas para tais perguntas

que conheci em minha vida, minha querida inspiradora, Irene Granchi. Pouco tempo depois, chegamos juntos a elaborar a expressão que define a ficção científica de uma década como a ciência da década seguinte. Mas hoje, em pleno século XXI, com o perdão da afronta aos seus mais de 90 anos, bem vividos, eu diria à minha mestra que estamos beirando a fase em que a ficção científica de um ano já passa a ser ciência do ano seguinte. Que o digam os usuários da internet, da telefonia celular, da televisão de alta definição. Que o digam os estudiosos da clonagem, das células-tronco, dos alimentos transgênicos. Que o digam os cientistas espaciais, os físicos quânticos, os desenvolvedores de robótica.

Passamos por um momento prodigioso em nosso planeta, quando todos os dias surgem novas descobertas, cada vez mais avançadas e impensáveis. Permitimo-nos sonhar de maneira cada vez mais concreta com a transposição do espaço cósmico por astronaves que estamos aos poucos desenvolvendo. Haveremos de chegar, em breve, a planetas extrassolares, e corremos o risco de encontrar nossos semelhantes em seus próprios *habitats*, como eles nos encontraram quando tiveram a falta de juízo de virem a Terra. Espero que tenhamos mais sorte do que eles, e mais ousadia também, para, em vez de apenas os observarmos, como fazem conosco, contatá-los. E que possamos dialogar com eles, levar-lhes ensinamentos, ajudar em suas vidas e mover seus horizontes para mais além de onde estão hoje.

Acompanho o trabalho deste notável e sagaz autor há poucos anos, quando se juntou à “família” que produz a Revista UFO, carinhosamente chamada de Equipe UFO. Renato Azevedo nos trouxe seu dinamismo e sua esmerada dedicação ao trabalho que já vínhamos fazendo há mais de duas décadas, enriquecendo a trajetória da publicação com suas idéias e seu entusiasmo. Particularmente, Renato Azevedo, um apaixonado pela ficção científica – mas que se mostra extremamente pés-no-chão – trouxe para a UFO uma noção mais clara de como associar a ficção científica à Ufologia. Mostrou-nos como é real pensar nela com os olhos voltados para os discos voadores, e vice-versa. Seus textos inspirados e cuidadosos, que os leitores da revista tanto apreciam, agora emergem no formato de um livro, que o autor teve o bom senso de chamar *De Roswell a Varginha*, mais um atino certo de sagacidade, por abordar temas ao mesmo tempo tão fascinantes quanto instigantes. Estou convicto de que seu trabalho receberá dos leitores a admiração que já tem por ele, há tempos, a Comunidade Ufológica Brasileira.

A. J. Gevaerd
Editor da Revista UFO

Em algum lugar no Novo México Quatro de julho de 1947

Era o início da noite. O jipe percorria uma trilha poeirenta, fazia um calor sufocante, típico de verão, e o motorista esforçava-se para manter uma expressão de que tudo estava absolutamente normal. Já havia visto muita coisa estranha nos dois últimos dias, e não queria de forma alguma chamar a atenção de seus superiores. Alguns colegas já haviam sido transferidos, e ninguém soubera mais nada a respeito deles.

O homem que transportava, havia chegado há poucos minutos de Washington, de onde fora chamado com urgência. Suas ordens eram para que seu passageiro fosse levado sem demora ao local dos destroços, e isso era tudo que ele tinha que saber. Tanto segredo, tantos interrogatórios, e ele, um mero motorista, já pensava se o melhor a fazer não era sair daquela região o quanto antes.

O jipe finalmente chegou ao local, depois de passar por quatro postos de controle. O oficial que viajava nele desceu, e o veículo deu meia-volta, retornando à Base de Roswell. Ainda naquela noite, o motorista, amedrontado e espantado, seria transferido para o sudeste asiático.

No local da queda, o oficial, baixo e usando óculos, passou rapidamente por todas as checagens com um certo ar de superioridade. Era apenas um tenente, mas da inteligência militar, e diante das circunstâncias excepcionais e da gravidade do problema que enfrentavam, era a autoridade máxima ali, com poderes para dar ordens até a gerais.

Depois de observar com cuidado as centenas de metros de terreno, ainda cobertos pelos destroços mais estranhos que qualquer ser humano jamais havia visto, recebeu das mãos de alguém, um dossiê com fotos do outro sítio de impacto, que distava apenas alguns quilômetros dali. As imagens por pouco não reviraram seu estômago, mas aquela sensação foi rapidamente substituída pelo espanto e perplexidade, diante do que só poderia ser qualificado como a maior descoberta da História. Pelo menos, era assim que aquele oficial a considerava.

Um almirante que fazia parte de um pequeno grupo de oficiais, as pessoas mais bem informadas sobre a situação naquele momento, perguntou-lhe o que achava daquilo. O tenente Reynolds ia responder quando outro oficial, que ele reconheceu como sendo o general Ramey, o homem que havia desmentido há pouco, a história que saíra no jornal de Roswell, emendou outra pergunta: teria aquele evento alguma relação com o avistamento de Arnold em 24 de junho?

Reynolds sabia que, para Ramey e para qualquer um daqueles oficiais, pouco importava o fato de terem que sacrificar o major Marcel. A segurança nacional vinha em primeiro lugar e decidiu responder as questões com honestidade.

- Diante do que vejo, senhores, posso afirmar com convicção de que não se trata nem de balão meteorológico, nem de um foguete V-2, e muito menos de qualquer coisa dos soviéticos.

Alguém fez uma observação sobre homenzinhos verdes de Marte. Todos riram, menos Reynolds. As risadas, diante de sua expressão séria, desapareceram, e ele respondeu:

- Acredito que não são de Marte. Minha opinião pessoal é que vêm de fora de nosso sistema solar. Além do mais, pelas fotos não são verdes, são cinzas. E eu gostaria de ir até o outro sítio para ver melhor.

Poucas horas depois, já haviam vistoriado o segundo local de impacto, e saíam do barracão que funcionava como enfermaria e necrotério. Todos estavam em silêncio, profundamente abalados com o que haviam visto. Já haviam sido feitas as primeiras encomendas de caixões de tamanho infantil, para acomodar os cadáveres. Duas criaturas estavam ainda vivas, e os cuidados com a segurança na Base de Roswell aumentaram ainda mais, a fim de recebê-los e também aos destroços.

Ramey novamente perguntou-lhe o que achava. Acrescentou observações acerca daqueles relatórios misteriosos, descrevendo objetos desconhecidos acompanhando os aviões durante suas missões na guerra. Estava visivelmente abalado. Haviam saído há pouco da mais devastadora guerra que o mundo já vira. De repente, apareciam estranhos, vindos não se sabe de onde. Tinham todos os motivos para manter tudo aquilo sob o máximo sigilo. Reynolds comentou:

- Meu irmão produziu um desses relatórios, general, na época em que pilotava um Mustang na escolta de um grupo de B-17 que ia atacar Berlim em novembro de 1944. Depois da guerra fui chamado à Alemanha, onde tive oportunidade de examinar relatórios de pilotos alemães, que descreviam as mesmas coisas.

Mais uma pergunta foi feita. Seriam mesmo extraterrestres? Reynolds olhou para o brigadeiro que havia formulado a mesma. Sua expressão dizia tudo sem necessidade de palavras. Olhou para cada um dos presentes, e anunciou:

- Farei um relatório para o presidente Truman, recomendando que seja mantido segredo total em torno do assunto. Sejamos práticos, senhores. Mesmo com toda nossa estrutura, sempre ocorrerão vazamentos sobre este assunto para a imprensa. Nossa diretriz será negar, a todo custo. Um acontecimento como esse, tem o poder de alterar a ordem mundial, e acabamos de sair de uma guerra! Não podemos arriscar o processo de recuperação em que estamos.

Alguns levantaram objeções, mas Ramey fez com que se calassem.

Concordava com Reynolds, dizendo que faria idênticas recomendações ao presidente. O tenente completou:

- Lá na cidade, reparei que a lista de hóspedes do hotel inclui os nomes de Bell e Einstein. Acredito que um grupo deva ser formado, com as pessoas mais capacitadas a lidar com este problema. É algo inédito, senhores. O segredo deve ser mantido, até que se saiba quem são eles, de onde e como vêm até nós. E o mais importante: o que querem conosco!

Forte Itaipu, Brasil

Quatro de novembro de 1957

A madrugada estava calma e os dois soldados em seus postos de vigilância só aguardavam a troca de turno para poder descansar um pouco. Conversavam sobre assuntos sem importância para afastar o sono, quando subitamente perceberam uma luz estranha no céu.

Tentando permanecer calmos, apanharam suas armas, sem deixar de observar a luz. A mesma assemelhava-se a uma estrela, mas seu brilho aumentava rapidamente. Há algumas centenas de metros de altura, o objeto parou sobre o forte.

Os dois homens não sabiam o que fazer. O objeto era circular, com uns trinta metros de diâmetro, e completamente silencioso. Emitia um fantasmagórico brilho alaranjado, e os soldados ainda estavam paralisados quando ouviram um zumbido mais forte, como de um equipamento elétrico.

No mesmo instante sentiram uma forte onda de calor. Antes que pudessem se abrigar, suas fardas entraram em chamas. Ambos gritavam e tentavam fugir, enquanto já se ouvia movimento no forte. A guarnição, alarmada, chegou a tempo de observar o objeto afastando-se. As luzes permaneceram inexplicavelmente apagadas, o que aumentou o pânico.

Instantes depois a coisa sumira e as luzes acenderam-se. Os dois sentinelas, com queimaduras de segundo e terceiro grau, receberam cuidados médicos. Estranhamente, as partes do corpo que a farda não cobria não foram afetadas. Todos elaboraram relatórios, e as autoridades recomendaram silêncio total sobre o acontecimento. Patrulhas da Força Aérea foram lançadas, mas nada fora do comum foi encontrado.

A embaixada norte-americana foi contatada e, dias depois, especialistas militares daquele país chegaram para entrevistar as testemunhas. Havia muitas perguntas, algumas conjecturas, e nenhuma resposta. Hipóteses acerca de “alguém” conhecer o passado guerreiro da humanidade, praticamente recém saída de uma terrível guerra, e sobre esse “alguém” ter um certo receio sobre o recente lançamento do Sputnik, em 4 de outubro daquele ano, ser a ponta de lança de nossa presença e conseqüente impulso bélico no espaço foram

aventadas.

No fim das contas, a política de manter segredo prevaleceu. As conjecturas foram abandonadas. A guarnição do forte, transferida. Para todos os efeitos, os eventos no Forte Itaipu nunca aconteceram.

Brasília, Brasil

Segunda metade de janeiro de 1996

Relatórios sigilosos começaram a chegar naqueles dias, descrevendo a presença de estranhos contatos de radar entre o sul de Minas Gerais e o norte e noroeste de São Paulo. Muitas das informações provinham de satélites militares norte-americanos, e os estadunidenses apressaram-se em informar seus colegas brasileiros. Rapidamente, diante da situação alarmante, postos militares da região foram colocados em alerta.

Proximidades de Varginha, Minas Gerais, Brasil

Vinte de janeiro de 1996, 1:30 h

A pequena fazenda nas proximidades da cidade experimentava uma madrugada tranqüila como qualquer outra. O clima de placidez, entretanto, foi quebrado quando o proprietário foi acordado pelo barulho que o gado fazia, ao correr de um lado para o outro.

Estranhando a situação, ele e sua esposa abriram a janela, e viram surpresos um objeto cilíndrico, do tamanho de um microônibus, flutuando sobre a fazenda, soltando fumaça. Durante quarenta minutos observaram, temerosos, a aparição. Por fim, o objeto desapareceu atrás de um morro, em direção à cidade.

Varginha, Minas Gerais

Manhã e começo da tarde de vinte de janeiro de 1996

As 8:30 h, o corpo de bombeiros local foi acionado com a denúncia de que um estranho animal percorria um bairro da periferia. Cerca de duas horas depois, testemunhas observaram a ação dos bombeiros, quando algo foi colocado em uma rede, depois em uma caixa, e esta por sua vez, ser acondicionada na traseira de um caminhão do exército, que surgira não se sabe de onde.

Passava das 14 horas, quando algumas pessoas ouviram disparos de fuzil, e depois observaram soldados saindo de uma mata próxima, carregando dois sacos pretos.

Um dos sacos se mexia.

Varginha, Minas Gerais

Vinte de janeiro de 1996, 15:30 h

Três garotas faziam seu caminho habitual depois do trabalho. Para encurtar o caminho até sua casa, passaram por um terreno baldio. Mais tarde, soube-se que esse local distava apenas três quarteirões de onde ocorrera a ação dos bombeiros naquela mesma manhã.

Uma das moças, subitamente, viu algo parado junto a um muro. As três aproximaram-se temerosas, percebendo uma criatura de pele marrom, veias saltadas nos ombros, e um forte odor de amoníaco. Uma das jovens comentou que poderia ser o diabo.

Nesse momento, a coisa virou a cabeça, enorme em relação ao corpo, olhando para elas. Diante do par de olhos vermelhos, as garotas fugiram apavoradas.

Rio de Janeiro, Brasil.

Vinte de janeiro de 1996

Era começo de noite, e aquele homem idoso caminhava tranquilamente pela orla da zona sul, preparando-se para voltar a seu apartamento de frente para o mar. Adorava a cidade, e pensava que nunca fora tão feliz na vida, quando seu telefone celular tocou.

Pensou em não atender mas, lamentavelmente, tudo que havia feito nas últimas décadas não significava que poderia simplesmente aposentar-se. No fundo, sabia que o dever nunca o abandonaria.

- Reynolds - disse ao atender o telefone.

- Senhor Reynolds, lamento incomodá-lo - disse uma voz em português. - Temos um evento inesperado no sul de Minas, e sua embaixada gentilmente nos lembrou de seus serviços no passado, e de como o senhor tem muita experiência nesses assuntos.

São Paulo, Brasil.

Seis de maio de 2000

- ...e pedimos agora que o Senhor Todo-Poderoso acolha nosso irmão, Ângelo Barros para a felicidade da vida eterna em Sua presença. Em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, amém!

O caixão desceu vagarosamente a sepultura, depois das palavras do padre. Os parentes, parte entristecidos e parte aliviados com o final do sofrimento do patriarca, observavam em silêncio. Lígia Barros, enxugando as lágrimas, jogou uma última flor sobre o caixão do avô. Logo, os coveiros iniciaram o trabalho de cobri-lo com terra.

As pessoas foram se retirando, e um ou outro cumprimentava a família.

Ligia manteve-se agarrada ao braço de seu noivo, Arnaldo, um pouco distante. Sua relação com os pais não era fácil, mas paradoxalmente aceitavam aquele relacionamento, atitude bem diferente da que demonstravam diante do fato de ela ser agente da Polícia Federal. Na verdade nem mesmo Ligia sabia por que ainda insistia no noivado com Arnaldo. Talvez apenas para agradecer aos pais.

Roberto Monteiro chegou ao cemitério correndo. Amaldiçoou seu superior, que o havia escalado para uma cobertura, mesmo tendo sido avisado que seu repórter não estaria disponível. Ainda bem que terminara o serviço a tempo.

Percebeu ao longe a movimentação, e passou a andar mais devagar para recuperar o fôlego. Foi quando uma figura saiu de trás de um dos luxuosos túmulos, encarando-o com curiosidade. Mas, o que realmente surpreendeu o jovem, foi que o homem o chamou pelo nome.

- Bom dia, senhor Monteiro.

- Quem é o senhor? - perguntou Roberto.

- Digamos que sou amigo da família - respondeu o velho.

O homem aparentava mais de setenta anos, apesar de parecer bem conservado. Seu aperto de mão vigoroso confirmava esse último detalhe. Tirou o chapéu, e disse:

- Meus sentimentos... Ângelo era nosso amigo comum.

- O senhor o conheceu, senhor...

- Meu nome é Reynolds. E além de Ângelo, conheci também seu avô, senhor Monteiro.

- Conheceu meu avô?

A expressão de Roberto mostrava que ele começava a ligar os pontos. Seu avô, Fábio, também fora militar e colega de Ângelo. Ambos haviam protagonizado um caso famoso, um possível contato imediato, mas para ambas as famílias aquele era um assunto proibido. Já haviam tido complicações demais, falavam os mais antigos.

- Pela sua expressão, vejo que consegui chamar-lhe a atenção.

Já calejado por algumas experiências desagradáveis, Roberto desconversou. O nome e o sotaque denunciavam o velho como norte-americano, e diante da atividade que desenvolvia, paralelamente ao jornal, ele não queria dar chance ao azar:

- Chamar minha atenção para o quê, senhor Reynolds?

O velho sorriu. Mencionou o conhecido caso do Forte Itaipu, de que Ângelo e Fábio haviam sido protagonistas. Alegou ser um dos norte-americanos que veio investigá-lo.

- E também desempenhei algumas funções durante meu tempo de adido militar em Brasília, nos anos sessenta.

E, quase sem querer, Roberto já estava fascinado. O velho parecia convincente. Ele e Ligia, amigos de longa data, sempre se interessaram pelo

tema a respeito de objetos voadores não identificados, e já haviam realizado inúmeras tentativas para desvendar a verdade sobre o caso do forte. Mas, sempre haviam esbarrado na resistência tanto dos meios oficiais, quanto de suas famílias. O único que sempre os apoiou fora o pai de Ligia, antes que um acontecimento, tanto trágico quanto inexplicável, o impedisse de ajudar os jovens.

Mesmo interessado no que o homem teria a lhe dizer, Roberto ainda tinha dúvidas. Fez menção de caminhar para junto da família de Ligia, mas o americano disse:

- No momento, não desejo que saibam sobre mim, especialmente a jovem Ligia. Este é meu cartão, falaremos mais tarde.

Mal Roberto guardou o pequeno pedaço de papel, viu o idoso mexer no chapéu a título de cumprimento e caminhar a seguir para longe. Perturbado, pois há tempos andava afastado daquele tipo de investigação, encaminhou-se para o grupo junto ao túmulo.

Cumprimentou alguns dos presentes, a maioria que o tinha em alta conta, como bom amigo da família. Por cortesia cumprimentou o noivo de Ligia, Arnaldo. Este não gostava muito de Roberto, e era melhor mesmo que nem fizesse idéia do tipo de relação que ele e a amiga tinham.

Ligia aproximou-se e abraçou Roberto com força. Conheciam-se desde a infância, e o falecimento de Ângelo fora um duro golpe para ele também. Conversaram rapidamente, e Ligia afogou-se em mais uma crise de choro. Em minutos despediam-se de todos, e rumavam para seus carros no estacionamento. Arnaldo comentava alguma trivialidade tentando desviar a atenção de Ligia dali, enquanto Roberto conversava com algum membro da família da amiga. Logo todos saíam em seus carros, e só ficavam os três.

- Bem, agora preciso apanhar um táxi. Ainda tenho que ir a alguns lugares para o jornal.

Roberto trabalhava no Correio Paulista, um dos principais jornais de São Paulo, como repórter fotográfico. Paralelamente, escrevia para a revista OVNI, a principal publicação do Brasil no assunto, além de um jornal eletrônico que editava junto a outros três amigos. Os mesmos que sempre insistiam para que abandonasse o emprego atual e viesse se juntar a eles em sua consultoria de segurança em informática. Mas Roberto adorava o corre-corre do jornal.

Arnaldo, quase ignorando Roberto, beijou Ligia e disse:

- Quer que eu a leve em casa? Posso tomar um táxi para vir apanhar seu carro depois...

Ligia, cansada de tudo aquilo, agradeceu:

- Sei que tem seus compromissos, amor. Pode deixar, dirigir até em casa vai me distrair. Aí aproveito e dou uma carona para Roberto. Depois te ligo, tá?

Beijaram-se pela última vez, e Arnaldo deixou patente que não gostou nem um pouco da decisão da noiva. Contudo, diante dos últimos acontecimentos, era

preferível evitar um atrito. Despediu-se de Roberto, entrou em seu carro e foi embora, olhando constantemente para o relógio.

- Seu namorado continua o mesmo.

- Ele é um executivo de multinacional Roberto, está sempre com alguma reunião na agenda - respondeu Ligia.

Nenhum dos dois, realmente, esperava que fossem para outro lugar que não o apartamento de Ligia no Campo Belo. Mais de uma hora depois de saírem do cemitério, Roberto beijou Ligia ardentemente mais uma vez, virou-se na cama, e olhou para o teto depois de entrelaçar os dedos atrás da cabeça:

- Ligia, honestamente, por que continua insistindo no noivado com aquele mauricinho?

Ela deitou-se de costas, também olhando para cima, sem responder. Há anos mantinham aquela relação de amantes. No começo, uma loucura típica de pós adolescentes, amigos de longa data que acabaram sentindo uma atração irresistível um pelo outro. Mas o que parecia passageiro tornou-se uma relação mais sólida que qualquer outra que já haviam experimentado. Ligia, finalmente, depois de acender um cigarro, respondeu com outra pergunta:

- E você, quanto tempo mais vai ficar enrolando a pobre Adriana?

Adriana era a mais recente das várias e inconstantes relações de Roberto. A amava, mas ao mesmo tempo não conseguia viver sem aqueles momentos com Ligia. Olhou para fora, para a tarde nublada, típica da metrópole em maio, e disse:

- Nós dois precisamos tomar algum rumo na vida.

- Eu já tenho um rumo, Roberto. Arnaldo e minha família bem que tentam me fazer desistir da Polícia Federal, mas essa é minha vida, e não vou fazer isso.

Ela remexeu os cabelos curtos e castanhos, apanhou um pequeno espelho na bolsa e examinou o contorno dos olhos também castanhos. Ligia tinha 27 anos, e estava para celebrar o terceiro aniversário como agente federal. Roberto acabara de completar 25, tinha olhos azuis e cabelos negros, e depois de formado em jornalismo, aventurara-se nos mais diversos órgãos de imprensa desde sua formatura há dois anos. Até na principal rede de TV do país havia trabalhado, e depois de sua demissão de lá, passou meses viajando como mochileiro pela Europa. Parte do motivo de estar tão envolvido no Correio era para refazer as economias depois dessa aventura. Da mesma forma que os familiares de Ligia, sua própria família também o considerava uma ovelha negra.

Tornaram a se voltar um para o outro, beijaram-se, e iniciaram novamente seus jogos de sedução. Ligia, porém, logo interrompeu, motivando o protesto de Roberto:

- Agora que eu já estava esquentando...

Ela levantou-se, apanhou suas roupas do chão e começou a se vestir. Voltou-se e disse:

- Como se fosse difícil ou complicado esquentar qualquer um de vocês, homens!

Roberto achou graça, admirando as belas formas da amante, distribuídas por seu 1,74 m de altura, um centímetro mais que ele. No tempo que saíam juntos, formavam um casal que chamava a atenção de todos, pois além de ser mais alta, Ligia adorava usar salto alto, e Roberto nunca perdera as feições de adolescente. Em diversas situações, se comportava mesmo como um criança. Ligia reclamava, mas no fundo adorava essa sua característica. Ela deu um último trago no cigarro, para o desespero dele:

- Ligia, pelo amor de Deus, quando vai largar esse vício nojento?

- Estou largando. Já cheguei a fumar dois maços por dia, agora um maço dura dois dias.

- Falo isso porque me preocupo com seus pulmões.

- Além de outras partes de meu corpo, não é?

Ela disse isso já rindo, agarraram-se mais uma vez, e Ligia empurrou Roberto de volta para a cama enquanto apanhava a camisa. Ele resolveu começar a se vestir também.

O cartão de Reynolds caiu de seu bolso quando Roberto vestiu a camisa. Ligia o apanhou do chão, leu-o, e perguntou:

- Algum contato para mais uma matéria maluca sobre ovnis?

- Pensei que também gostasse do assunto.

Ela o abraçou, pousando a cabeça sobre seu ombro. Depois de alguns segundos assim, voltaram a se beijar ardentemente. Ligia, finalmente, respondeu:

- Claro que ainda gosto. Preciso saber o que realmente houve com nossos avós em 1957. E...

Roberto estava pronto a fazer uma observação sobre o pai dela, mas conteve-se no último instante. Perder o avô fora muito doloroso para Ligia, e não convinha lembrá-la do destino do pai. Ele ainda voltou a beijá-la, disse que ligaria de noite, e foi embora.

Depois que Ligia viu-se sozinha, pôs-se a pensar. Havia lido o nome de Phill Reynolds no cartão que Roberto deixara cair, e o mesmo não lhe era estranho. Havia várias publicações e livros de ufologia em seu apartamento, algumas das quais pertencentes a Roberto, além de outros documentos. Naquele exame rápido, não encontrou nada. Obcecada, ligou para os três malucos, seus amigos e de Roberto e, quando Leandro atendeu, disse para procurar qualquer coisa relacionada aquele nome. Depois ligou para a PF, e ficou contente quando Silvia atendeu:

- Silvia, já voltou?

- Já, minha filha. Como você está? Desculpe não ter podido ir.

- Não tem problema. Silvia, eu queria um favor, pode procurar,

naturalmente em sigilo, algo ligado ao nome Phill Reynolds?

- Claro, mas você sabe como essas coisas costumam demorar...

Depois de desligar, Ligia decidiu que precisava de um banho. Logo após entrar no box, o telefone tocou, mas ela não queria atender. Colocando a cabeça para fora do banheiro, ouviu a voz de Arnaldo, mas ela não estava com vontade de falar com ele. O nome Reynolds não lhe saía da cabeça.

Capítulo Dois

Praça da Sé, São Paulo Oito de maio de 2000

A praça naquele horário, já passando da uma hora da tarde, estava tomada pelos frequentadores habituais. Secretárias, executivos, office boys, transeuntes, pregadores religiosos e pseudo religiosos transitavam incessantemente pelo local. Alguns voltavam do almoço, outros apenas aquela hora conseguiam comer um cachorro quente em uma das dezenas de barraquinhas que rodeavam a praça. As pregações confundiam-se desordenadamente com os gritos dos ambulantes anunciando suas mercadorias.

Roberto não parava de olhar para seu relógio. Andava para lá e para cá, e já começava a se arrepender por haver aceito a sugestão do americano de um encontro naquele local.

Pensou em ligar e perguntar para seus três amigos se sabiam algo a respeito de Reynolds. Porém, eles estavam terminando a próxima edição de O Farol, o newsletter que editavam e que circulava de forma clandestina pela Internet. Nele, Batista, Leandro e Franco faziam denúncias, muitas vezes contra figuras da política, policiais, juizes e todo tipo de autoridade que tinha o costume de se considerar acima da lei no Brasil. Também falavam sobre casos misteriosos, monstros, ovnis, conspirações, ciber-terroristas, intitulando-se os últimos guardiões das liberdades. Roberto temia que o contagiassem com alguma nova história maluca, como era habitual com eles.

Finalmente, viu Reynolds comprando alguma coisa em uma banca de jornais, situada em uma das esquinas do quadrilátero que compreendia a praça. O americano logo dirigiu-se diretamente para onde estava, oferecendo-lhe um gole do café que trazia em um copo que a princípio o repórter não havia visto.

Phill distraiu-se um pouco com um dos muitos pregadores que ocupavam a praça naquele momento, e Roberto percebeu que trazia na mão uma revista. Logo percebeu que era a mais recente edição da Ovní, e o americano perguntou:

- Segue alguma religião, senhor Monteiro?

Roberto ficou pensando um pouco na resposta, enquanto andavam despreocupadamente, desviando-se de outros pedestres apressados.

- Minha família é católica, nas minhas viagens já me deparei com várias crenças, e me senti atraído por várias, como o budismo e até o islamismo durante uma fase. Mas não sigo nenhuma atualmente.

- Acredita em Deus?

Depois de um momento de hesitação, Roberto respondeu:

- Talvez não no Deus que a igreja católica descreve. Se existe esse Deus, se Ele é amor, então por que permite que, por exemplo, duas crianças, uma nascida em pleno Morumbi em um dos hospitais mais caros, e outra nascida em algum hospital da periferia, filha de pais que moram em alguma favela, tenham destinos tão diferentes? Por que alguns poucos com tanto, e outros muitos com tão pouco?

Roberto pensou em falar mais, mas reparou que Reynolds, se esse fosse mesmo o nome verdadeiro daquele ancião, dedicava sua atenção a determinado artigo da revista. Exatamente aquele que Roberto havia escrito, depois de três anos de ausência.

O mesmo discorria sobre várias obras, de escritores consagrados, e que descreviam como os extraterrestres haviam chegado há milênios, talvez sendo tomados como deuses pelos homens primitivos, e ensinado aos mesmos, os primeiros rudimentos da civilização. Reynolds leu apressadamente alguns trechos que mais chamavam sua atenção, e por fim, fechou a revista, guardou-a debaixo do braço e tomou alguns goles de seu café antes de dizer:

- É fascinante o que escreveu, senhor Monteiro! Suas opiniões e análises sobre as obras de autores como Daniken, Hancock e Sitchin são incrivelmente lúcidas. Crê que por exemplo este último autor esteja certo? Que somos descendentes de uma raça, como é mesmo o nome? Ah, sim, os nefilim, que teriam vindo de um décimo planeta de nosso sistema?

Roberto começava a perder a paciência. Perguntou, indo direto ao ponto:

- Senhor Reynolds, para quê me chamou aqui? O que deseja de mim? E, primeiro de tudo, quem é o senhor?

Reynolds voltou a prestar atenção aos transeuntes. Um sujeito, vestido como um frade franciscano, fazia uma pregação maluca sobre o dia do julgamento que, segundo ele, estava muito próximo. Outros dois homens, vestindo elegantes ternos, falavam sobre seu mestre, Umberto Francisco Ourives, auto proclamado paranormal. O mesmo havia construído uma fortuna considerável há quatro anos, ao reunir centenas de fiéis por todo o Brasil com suas alegações de ser o homem escolhido por civilizações alienígenas para ser o salvador da humanidade. Os ufólogos o combatiam desde que foram reveladas suas fraudes, como simples truques com acessórios para mágicas, além de forjar fotos e filmes grosseiros em uma tentativa de provar suas alegações. As denúncias que faziam contra Ourives estavam sendo investigadas com morosidade pela justiça, e alguns diziam que ele já havia cooptado alguns políticos da região centro-oeste para seu movimento.

- Imagine - disse Reynolds - imagine se, agora mesmo, aparecesse uma grande e bonita nave alienígena, em forma de disco, e pousasse bem diante de nós e dos olhares de toda essa gente. Qual acha que seria a reação?

Roberto decidiu acalmar-se. Pensou um pouco na pergunta que lhe fora

feita e, por fim, respondeu.:

- É impossível saber. Talvez os acolhessem como emissários de uma nova ordem. Talvez as pessoas fugissem apavoradas diante do desconhecido.

E, vendo a expressão admirada de Reynolds, percebeu onde o velho queria chegar, e terminou:

- E, claro, algumas poderiam pensar que seria o próprio diabo se manifestando. Poderiam até mesmo atacar os recém chegados.

Reynolds riu, lançou mais um olhar pelos arredores, e disse:

- É um jovem muito perspicaz, senhor Monteiro. Tenho que confessar algo. Participo do grupo de discussões desta revista na Internet, em que o senhor mesmo é um membro, apesar de limitar-me a ler as mensagens. Mesmo em seu meio, entre seus colegas, não existe consenso.

- Não existe consenso nenhum, infelizmente. Acreditamos todos que a Terra está sendo visitada, mas é só. As mensagens dessa e outras listas se confundem nos extremos de boas informações e brigas fúteis.

Reynolds lançou-lhe um olhar de concordância. Continuaram caminhando, em silêncio por alguns minutos até Reynolds decidir falar novamente:

- O fato é que não se sabe qual seria a reação das pessoas. Esses grupos religiosos, o que fariam? Haveria uma guerra santa diante de uma prova incontestável de vida alienígena? As demais nações atacariam apavoradas aquele país que os extraterrestres escolhessem para pousar? Qual seria a primeira declaração dos visitantes? “Vimos em paz”, ou “estas são nossas exigências”?

Depois de uma pausa, ele prosseguiu:

- Não sei se acreditará no que vou dizer-lhe. Ao mesmo tempo, não desejo isso, pois minha intenção é que descubra a verdade por si só, a fim de apenas depois disso, aceitar tudo que tenho a revelar-lhe. Respondendo à sua pergunta, esse é realmente meu nome, Phill James Reynolds. Antes da Segunda Guerra, eu e meu irmão estávamos nos preparando para sermos pilotos, mas infelizmente uma miopia atrapalhou meus planos. Meu irmão tornou-se famoso como um dos ases daquele conflito mas, infelizmente, morreu em uma missão na Alemanha, quatro dias antes da guerra terminar na Europa. - O americano continuou sua história. - Impedido de pilotar, incorporou-se ao setor de inteligência, onde rapidamente chegou aos mais altos postos. Depois da queda da Alemanha, foi enviado para aquele país com a finalidade de buscar a maior quantidade possível de papéis e documentos secretos do Reich.

- A Operação Clipe de Papel, presumo - disse Roberto.

- Estou agradavelmente surpreso, senhor Monteiro - disse Reynolds com um sorriso. - O fato é que logo me chegaram as mãos estranhos relatórios de pilotos alemães, deixaram a mim e meus colegas da inteligência bastante perturbados. Os pilotos descreviam estranhos objetos luminosos que seguiam seus aviões durante as missões sobre a Europa ocupada, e nos bombardeios à Inglaterra.

Diversas haviam sido as tentativas, todas infrutíferas, de capturar ou derrubar tais objetos que, os alemães acreditavam serem armas secretas dos aliados.

O mais interessante, Reynolds descreveu, é que jamais esses intrusos realizavam qualquer ação agressiva. Tampouco os aviões conseguiam se aproximar dos objetos.

- Aquilo deixou o comando alemão muito preocupado, como pode imaginar. E nós, diante daquelas informações, mais preocupados ainda, pois nossos pilotos descreviam coisas idênticas, também de nossa parte consideradas armas secretas dos nazistas!

- Os famosos foo-fighters - disse Roberto. - Isso tudo são fatos bem conhecidos da ufologia, senhor Reynolds.

- Claro - respondeu o americano.

Ele voltou a narrar sua história. Falou sobre Roswell. Descreveu como, mesmo sendo um mero tenente, dera ordens a generais e almirantes para acobertar tudo, e como redigiu as diretrizes iniciais da política de acobertamento oficial. Roberto ouvia incrédulo, mas sentindo um incômodo desejo de que tudo que o velho norte-americano estava dizendo, fosse verdade.

- Está me dizendo que o senhor, aqui conversando comigo em pleno centro de São Paulo, é o responsável por elaborar os planos para o acobertamento militar das informações sobre ovnis e ets, diretrizes essas que vêm sendo cumpridas à risca nos últimos 50 anos?

Reynolds concordou com um sorriso enquanto sorvia o último gole de café e jogava o copo em uma lixeira.

- Havíamos saído há pouco do maior conflito da história conhecida, senhor Monteiro. Espiões soviéticos estavam praticamente invadindo a Europa ocidental e o meu país. Sabíamos que em breve eles teriam armas nucleares. E, subitamente, depois de uma terrível tempestade no Novo México, surgem destroços de um objeto que, a primeira vista, não era deste mundo!

Mais uma vez o americano riu diante da expressão de Roberto, e continuou:

- Foi do general Ramey a idéia do balão meteorológico. O pobre Marcel foi sacrificado quando tudo foi explicado como um engano de sua parte. O fato é que não havia a mais remota hipótese de aqueles destroços serem terrenos.

Ele prosseguiu. Narrou como sabiam, desde o começo, que mesmo com todas as medidas e contra informações os fatos acabariam vazando. Tanto que informações corretas sobre Roswell e outros casos circulam na comunidade de ovnis há muito tempo.

- Alguém disse certa vez que a melhor mentira é a que se esconde entre duas verdades. É exatamente o que temos feito pelas últimas cinco décadas!

O antigo militar ainda descreveu sua participação em outros casos. Tudo acontecia sempre de surpresa. Em raras ocasiões, como em 1980 na localidade de Bentwaters, na Inglaterra, parecia mesmo que a intenção dos visitantes era

fazer o tão aguardado e temido contato!

- Imagine, mais uma vez? - perguntou Reynolds. - Imagine se eles subitamente tomam a decisão de aparecer em público, a vista de todos. Como será? E o que acontecerá depois?

Roberto estava fascinado, mas também confuso. Não estava nem um pouco convencido de que Reynolds era quem dizia ser, nem muito menos sobre sua participação em todos aqueles casos. Rastreou tudo que o velho dissera, procurando alguma falha. Não encontrou, mas também sabia que havia farta documentação sobre tudo aquilo na Internet, livros ou revistas. Ao mesmo tempo, o relato do homem era tão vívido que suas dúvidas só cresciam.

- Senhor Reynolds - disse finalmente -, por que me contou tudo isso? O que quer de mim?

O ancião mais uma vez sorriu. Dizendo que gostaria de sentar-se para descansar, encaminhou-se para um banco próximo, em um local onde policiais faziam rondas de rotina. Uma cabine da polícia logo adiante era quase garantia de tranqüilidade. Roberto sentou-se a seu lado, e ambos mantiveram mais alguns instantes de silêncio antes de Reynolds continuar:

- Depois dos eventos ligados ao Caso do Forte Itaipu, que acredito que o senhor conheça, me encantei com este país, senhor Monteiro. Voltava ao Brasil sempre que podia. Não sei se o senhor faz idéia de como este é um lugar especial, e do potencial que sua nação tem para tornar-se uma superpotência!

Roberto, surpreendentemente, sentiu-se lisonjeado com as palavras do americano. Claro que em seu íntimo, seu interlocutor provavelmente estaria dizendo aquilo para conquistar sua simpatia. O brasileiro não teve tempo de refletir sobre isso, pois logo o velho continuou:

- Me mudei definitivamente para cá na metade dos anos 80. Entretanto, em meu ramo de atividade, nunca se pode dizer que se está aposentado. De fato, recebi uma interessante ligação em janeiro de 1996.

Varginha. O nome da cidade onde ocorrera o caso mais importante da ufologia brasileira, comparável até mesmo a Roswell, veio imediatamente a mente de Roberto.

- Seus colegas fizeram um brilhante trabalho de investigação, senhor Monteiro! Foi unicamente graças a isso que o caso não caiu no mesmo limbo em que Roswell esteve por três décadas. Mas, a grande verdade...

Um ambulante passou por eles, oferecendo mercadorias variadas em um tipo de tabuleiro. Reynolds começava a interessar-se pelo que o homem vendia, mas Roberto dispensou o vendedor com pressa. O homem seguiu seu caminho, enquanto o jornalista esperava impacientemente pela resposta de Reynolds. Como ele demorasse, Roberto perguntou:

- Qual é a grande verdade, senhor Reynolds? O senhor envolveu-se com o Caso Varginha, então? O que sabe a respeito do mesmo?

Phill levantou-se, olhou em torno, depois para o brasileiro. Remexeu no bolso, e tirou um papel, que entregou para Roberto. Ele olhou-o apressadamente, e para sua decepção ali havia apenas um endereço em uma cidade no interior paulista e um nome. Reynolds sorriu-lhe novamente e saiu andando. Roberto levantou-se apressadamente e postou-se a sua frente, perguntando:

- O que sabe sobre Varginha, senhor Reynolds? E qual foi sua participação, nesse e no caso do Forte? Qual a grande verdade?

Reynolds, que sempre usava chapéu, novamente olhou em torno. Depois mais uma vez seus olhares se cruzaram, e o ancião respondeu:

- A grande verdade, meu amigo, aliás, posso chamá-lo de amigo, não, senhor Monteiro? A grande verdade é que Varginha revelou-se tão significativo nos dias atuais quanto Roswell em seu tempo. Ocorreram muito mais coisas, que nunca vieram a público.

Roberto ficou confuso. Antes de ir, Reynolds fez mais uma afirmação:

- Disse tudo isso ao senhor, porque desejo que a verdade comece a ser conhecida. E você, Roberto, está muito próximo dela. Vá até esse endereço e verá! Manteremos novo contato depois disso.

Ja partir, pareceu lembrar-se de algo, voltou-se novamente e acrescentou:

- Sim, seu país tem vocação para superpotência.

Phill colocou a mão na aba do chapéu a título de cumprimento e saiu caminhando, perdendo-se na multidão em instantes.

Roberto, a princípio, não percebeu o que havia por trás daquelas últimas palavras. Quase no mesmo instante, seu celular tocou. Seu editor, Alberto, queria vê-lo o quanto antes.

Varginha, sul de Minas Gerais

Vinte e um de janeiro de 1996

Tudo já havia sido arranjado. Havia conseguido realizar as quatro capturas sem atrair muita atenção. As poucas testemunhas já recebiam o tratamento adequado.

Alguns fizeram pouco caso das palavras do americano recém chegado, de que aquelas formas de intimidação não resolveriam o problema definitivamente. De qualquer forma, eliminar civis estava absolutamente fora de cogitação. A população da região já estava alarmada demais.

A reação dos militares brasileiros ficou muito próxima do adjetivo atabalhoada. Nos dois hospitais para onde os seres foram levados, a segurança deixara a desejar. O americano foi muito útil nessa fase, pois sua experiência era invejável.

No maior hospital da cidade, escolhido como quartel general, discutiram o andamento da operação. Objetos desconhecidos continuavam aparecendo nos

céus, mas em frequência bem menor. Ninguém ainda entendia o porquê da queda, e corriam boatos desconstruídos sobre se a nave teria sido ou não abatida.

Agentes da CIA já haviam chegado. Negociações estavam acontecendo, mas o maior poder de barganha não estava em mãos norte-americanas.

A madrugada do dia 22 já estava próxima quando chegaram relatórios sobre uma perseguição. Uma quinta criatura fora vista na periferia da cidade. Mais uma vez, a reação ameaçou descambar para o simples pânico. De novo, o velho norte-americano revelou-se fundamental, conseguindo acalmar os ânimos.

Os homens estavam nervosos, enquanto percorriam de armas em punho os campos e morros da região, à caça do intruso. Não havia descrições do mesmo, só sabiam que diferia consideravelmente dos outros quatro. Informes eram dados ininterruptamente em frequências confidenciais.

Finalmente, localizaram um casal que havia encontrado o estranho. A princípio, julgaram tratar-se de algum andarilho ou mendigo. Foi quando notaram suas roupas.

Os dois foram logo afastados dali. Como ocorrera com as outras testemunhas, foi dito a eles para não comentarem o episódio se quisessem evitar problemas.

A chuva que caía desde o dia 19 dificultava a ação dos militares. Era difícil movimentar-se silenciosamente em meio a poças de lama.

Finalmente, próximo a um morro, em um local de densa vegetação, uma das equipes manifestou-se aos gritos. Havia encurralado o intruso. Ordens para capturá-lo vivo foram apressadamente transmitidas.

Finalmente todas as equipes de busca convergiram para o local. À luz de lanternas, e diante de dezenas de armas apontadas, o intruso abaixava-se instintivamente. De relance, notava-se suas vestimentas, o porte semelhante a dos soldados, e os longos cabelos loiros, molhados pela chuva.

Sanatório de Amparo, São Paulo

Treze de maio, 11:49 h

Roberto estava furioso. Apenas agora conseguira tempo para viajar até Amparo e checar a informação dada a ele por Reynolds. Ao mesmo tempo, o endereço do sanatório daquela cidade, mais o nome do que ele imaginou ser um interno não poderiam realmente ser considerados como uma real informação.

A viagem em si fora agradável, e ele agradeceu pela oportunidade de sair um pouco da sufocante metrópole. Além do mais, estava cansado, a investigação de que participara, a respeito de fraudes em licitações da prefeitura havia sido estafante. Já estava seguro de que o período eleitoral antes das eleições daquele ano seria um dos mais sujos dos últimos tempos.

Mas sujeiras infinitamente maiores, de acordo com as palavras do americano, estavam há anos sendo varridas para debaixo do tapete. Claro que compreendera as razões apresentadas por Reynolds para o acobertamento militar. Todas as instituições do planeta entrariam em xeque.

O que seria das religiões? Estariam as alienígenas previstos nas escrituras? Eles também haviam sofrido o pecado original? A redenção de Cristo também recairia sobre eles?

Como os militares justificariam os milhões gastos todo ano em defesa, se algo desconhecido constantemente invadia qualquer espaço aéreo, fazia o que bem entendia e partia sem qualquer oposição de nossa parte?

O que aconteceria com a economia mundial se todas as informações sobre Roswell, ou Varginha, fossem liberadas?

Os governos se manteriam em calma diante de protestos, em que os participantes jurassem lealdade a seu planeta e não a sua nação?

Todas perguntas importantes, e muito difíceis. O debate em torno delas era infundável, com cada ala da ufologia brasileira defendendo seu ponto de vista. Roberto fazia parte do grupo mais moderado, que buscava mais e melhores evidências com o intuito de conseguir uma visão mais abrangente do problema.

Discordava abertamente dos místicos mais radicais, que militavam na vertente de que os ets vinham para salvar a humanidade.

- Só se fosse para nos salvar de nós mesmos - ele disse baixo para si.

Enquanto se entretinha com essas elucubrações, seguia o responsável pelo setor onde ficavam os internos mais perigosos. Roberto vira muitas cenas chocantes, e já se surpreendia lamentando novamente por ter seguido sem maiores questionamentos a suposta pista revelada por Reynolds. A visão daqueles pobres coitados o assombraria dias a fio, pensava.

- Tivemos mudanças na direção da instituição nos últimos meses, senhor Monteiro, disse a mulher que o acompanhava. Com isso, vários de nossos programas e pacientes foram reavaliados.

Ela disse isso, depois de analisar a ficha do paciente que Roberto fora procurar. De acordo com o antigo protocolo, aquele homem não deveria nunca receber visitas. Sua condição fora reavaliada, e a proibição revogada.

- Mas, infelizmente, não pudemos localizar qualquer familiar em parte alguma. Ainda estamos tentando, quase sem esperanças. O senhor é a primeira visita em quatro anos.

Roberto fez as contas, e antes que pudesse pensar, perguntou:

- Quer dizer que ele se encontra aqui desde 1996?

A mulher respondeu que sim, desde outubro daquele ano, e ele ficou mais interessado. Reynolds deixara muitas coisas implícitas e começava a emergir alguma ligação entre aquele interno e o Caso Varginha.

Finalmente localizaram o homem, que estava registrado unicamente como Yuri. Estava todo encolhido em um canto do pátio, ora observando os arredores, ora mantendo a cabeça baixa em atitude temerosa. Mas este último comportamento, era o mais freqüente.

Depois que a mulher os deixou, Roberto sentou-se em um banco próximo ao homem enquanto o examinava. Era difícil estimar sua altura, mas parecia ter a mesma estatura que ele próprio. Na cabeça raspada já apareciam tímidos os primeiros fios loiros. Seus olhos, nas poucas oportunidades que Roberto teve de os ver, eram de um azul profundo. Yuri, ou qualquer que fosse seu verdadeiro nome, estava muito magro, e seu estado de abatimento era quase desesperador.

- Olá, Yuri, deixe que eu me apresente. Meu nome é Roberto Monteiro, e sou jornalista.

Ele não esboçou qualquer reação. Agora já não mais levantava o olhar. Roberto continuou, depois de assegurar-se que ninguém mais o ouvia:

- Vim aqui com a indicação de um homem, talvez o conheça, Phill Reynolds.

Nada. Roberto não sabia o que fazer. Estendeu a mão para ele, tentando captar sua confiança, mas Yuri percebeu e afastou-se temeroso. O ufólogo disse:

- Calma, não vou lhe fazer mal! Só vim conversar, tentar descobrir por que você está aqui.

Aquilo também não era exatamente verdade. No fundo, Roberto se contentaria em descobrir por que o americano o mandara para lá.

Em sua cabeça, mil teorias já tomavam forma, para serem abandonadas no instante seguinte. A mais persistente dizia que aquele poderia ser um soldado que participara das operações em Varginha, e talvez tivesse ficado com alguma seqüela. Roberto lembrava-se bem da história do soldado Chereze da polícia de Varginha, que havia morrido em estranhas circunstâncias dias depois dos eventos,

e que teria participado de uma das capturas, quando segurara uma das criaturas com as mãos nuas.

Roberto olhou em torno. Viu diversos dos internos, alguns parecendo muito normais para ele, enquanto outros dedicavam-se a tarefas estranhas, bizarras, ou mesmo escatológicas. Não conseguia evitar de sentir uma grande pena de todos eles. Quando será que a ciência encontraria uma cura definitiva para tais males?

Voltou a dedicar sua atenção para Yuri, e surpreendeu-se com o fato de o interno estar olhando para ele. Mais espantado ficou com sua expressão inteligente, como se estivesse analisando o jornalista. O azul de seus olhos era de um tom que jamais havia visto, e seus traços eram igualmente incomuns.

Roberto tomou uma decisão. Da mochila que havia trazido, tirou uma revista, a última edição da Ovni que mencionava Varginha. Na capa, vários desenhos descrevendo as criaturas, a nave vista por um casal sitiante, e as cenas das capturas. Mostrou-a a Yuri, e teve sua maior surpresa.

Ele não teve a reação violenta que Roberto temia. Ao contrário, sentou-se devagar no banco a seu lado, estendeu a mão delicadamente e apanhou a revista. Segurando-a com as duas mãos, olhou para a capa por minutos a fio. Roberto não era um grande psicólogo, muito menos um bom intérprete de expressões, mas quase podia jurar que Yuri lembrava-se de algo muito importante e significativo. E, mais surpreendente ainda, algo relacionado a Varginha!

O interno voltou a olhar para ele. Apontou para a revista, depois para si próprio, e a seguir, para maior surpresa de Roberto, para o alto, para o céu. A seguir devolveu a revista, e voltou a sentar-se em seu canto. Apesar de outras tentativas, Roberto não conseguiu mais nada.

Estava ainda mais confuso do que quando entrou. O que poderiam significar tais sinais?

Tentou ainda mais uma vez obter qualquer coisa de Yuri. O único sinal que conseguiu foi quando o homem segurou com firmeza alguns dos pêlos de seu braço, arrancou-os e os deu para Roberto. O ufólogo ainda pensou em insistir, mas logo a mesma mulher vinha chamá-lo, pois o tempo de visita havia se esgotado.

Roberto, desiludido, guardou os pêlos em meio a revista, e a colocou na mochila, sendo a seguir guiado pela mulher para fora do sanatório. Deu uma última olhada para trás, e Yuri continuava na mesma posição.

Quem era ele? - perguntou-se Roberto.

Por que estava ali?

E o que significariam aqueles sinais?

BLF Informática, centro de São Paulo

Treze de maio, 21:53 h

A BLF Informática Sociedade Anônima era o empreendimento dos três amigos de Roberto. Funcionava em uma travessa da Avenida São João, em um dos locais mais movimentados do centro.

Ele nunca soubera se os três moravam ali mesmo, ou em outro lugar. Ocupavam três andares do prédio. O primeiro era da BLF, onde trabalhavam, além deles, secretárias, técnicos e outros empregados, em um total de onze pessoas. O segundo era o setor técnico, mas era no terceiro que estava o maior ponto de interesse de Roberto.

Esse andar estava sempre trancado, e apenas os três tinham acesso ao mesmo. Quando Roberto vinha sozinho ou com outros colegas, o grupo se trancava lá em cima. Aquilo gerava muito falatório nos empregados, mas os polpudos salários que os três generosamente pagavam, eram suficientes para que as fofocas se limitassem ao escritório.

Também ninguém sabia os nomes completos dos três. Na verdade, apareciam muito pouco, e os contatos iniciais com os clientes eram sempre feitos pelos empregados qualificados.

Batista aparentava vinte e oito anos, estava sempre de roupa estilo casual, e usava um cavanhaque com bigode que pouco contribuía para aliviar seu ar juvenil. Falava quatro línguas com fluência, e parecia o mais normal do grupo. Era o mais alto dos três.

Roberto não se lembrava de alguma vez ter visto Leandro vestindo outra roupa que não fosse terno e gravata, mesmo no mais quente verão. Era um negro de traços marcantes, cabeça sempre raspada e barbeado com esmero. O visual sério destoava do passado, pelo menos o que Roberto conhecia. Leandro fora fichado até mesmo no FBI norte-americano como um dos maiores e mais habilidosos hackers do mundo. Ninguém sabia quanto tempo ele estivera preso nem o que fizera para ser solto, e sua idade era indefinível. Seus modos normalmente, eram reservados.

Franco era o mais velho e de menor altura, aparentava quase cinquenta anos, e tanto podia aparecer de terno e gravata quanto de bermuda, camiseta e chinelos de dedo. Sempre de óculos de grau e barba mal cuidada, seu passado era desconhecido e apenas uma ou outra insinuação, ao longo dos anos em que Roberto conhecia o trio, o levava a crer que Franco já havia tido contato com o meio militar. Mas era impossível saber, e nem Franco, nem seus companheiros, gostavam de comentar o passado.

Sua empresa prestava consultoria na área de segurança para várias empresas particulares, estatais, bancos, e uma ou outra multinacional. Detinham várias patentes de sistemas e programas, e os contratos que assinavam continham inúmeras cláusulas incomuns. A mais intrigante estipulava que todos os registros eletrônicos das operações da BLF para o cliente deveriam ser completamente apagados de todo e qualquer banco de dados, sob a alegação de proteção dos

softwares. Havia outros detalhes, a maioria secretos e igualmente estranhos.

O famoso e misterioso terceiro andar estava atulhado de equipamentos eletrônicos e de informática de última geração. Até mesmo um gerador de emergência totalmente independente do que o prédio possuía, eles haviam conseguido instalar ali. Roberto desconfiava que, mais que meandros legais, eles haviam conseguido aquilo à base de subornos.

Os três dispunham ali dos mais sofisticados equipamentos de vigilância, contramedidas e espionagem que se conhecia. Alegavam que nem mesmo o famoso Echelon, o sistema eletrônico de vigilância global dos Estados Unidos e aliados mais importantes, conseguiria penetrar em suas defesas. Leandro se gabava de estar trabalhando em sistemas e softwares tão avançados que nem mesmo em dez anos poderia colocá-los a disposição do público.

O jornal que editavam, O Farol, que possuía tanto a versão impressa quanto a eletrônica distribuída por e-mail, era o maior segredo do grupo. De fato, apenas Roberto e um grupo muito reduzido de pessoas sabiam quem eram os editores. E muitas pessoas adorariam saber a identidade deles.

Isso porque O Farol era a mais conhecida publicação clandestina do país. Fazia denúncias contra empresários e políticos corruptos, além de tratar de temas que a imprensa em geral evitava, como a ufologia. Foi um dos órgãos mais ativos durante o Caso Varginha, apesar de muitos dos ufólogos mais sérios duvidarem de suas informações. Entretanto, por diversas vezes, as mesmas acabavam, mais tarde, sendo confirmadas.

Eles diziam que possuíam fontes privilegiadas espalhadas por diversos órgãos, privados, estatais e militares. Nunca respondiam quando perguntados como mantinham tais fontes, e o que lhes proporcionavam em troca dos dados que recebiam. Em vista da estrutura que haviam montado em tão pouco tempo, dinheiro parecia não ser um problema.

A última edição do jornal versava sobre o impeachment do presidente Collor em 1992. Para O Farol, forças desconhecidas estiveram por trás do episódio. O presidente estava muito longe de ser um pobre perseguido político como alguns pudessem imaginar a princípio. Estaria, segundo o jornal, envolvido em negócios muito mais sujos do que se imaginava, e sua deposição era obra de forças muito mais tenebrosas do que os “caciques” políticos que arquitetaram sua substituição.

- E espere para ver o material sobre a conspiração do futebol que estamos preparando - disse Franco. - Será explosivo! Sabe aquele problema da seleção brasileira na última copa do mundo?

Roberto sempre se divertia na presença dos três malucos, como Ligia os chamava. Perguntou:

- As convulsões daquele...

- Esse mesmo - respondeu Batista entusiasmado. - Nem adivinha qual foi a verdadeira razão de todo o episódio! Será que digo a ele, rapazes?

- Só se quiser estragar a surpresa - disse Leandro no habitual tom sério.

Batista ainda fez um suspense, e disse por fim:

- Bem, sem querer ser dramático, mas é algo que tem a ver com sua especialidade, Roberto...

Este já estava se cansando. Sentado em uma cadeira, examinava algumas das últimas edições impressas. Disse:

- Esse tem sido meu problema. Não tenho nenhuma especialidade. Se ao menos fosse especialista em puxar o saco dos chefes...

- Não faça isso - reclamou Franco quase gritando. - Aí, então, você estaria se entregando ao sistema que tanto combatemos! Afinal, será mesmo que seus colegas do jornal que foram promovidos na sua frente estão tão bem assim?

- Marcelo acabou de trocar de carro - respondeu Roberto.

- Nos tempos atuais, só vai chamar a atenção dos bandidos, acredite - respondeu Batista.

O ufólogo e jornalista olhou para eles. Finalmente Leandro, que não tirava os olhos da tela do computador em que estava trabalhando, fez a pergunta:

- Mas afinal, caro Roberto, o que o traz a nossa presença?

Ele levantou-se, apanhou um plástico hermeticamente fechado do bolso e o colocou na mesa diante de Leandro. Dentro dele, os fios arrancados do braço de Yuri. Ainda exibiu os documentos que lhe permitiram copiar no sanatório em Amparo, enquanto dizia:

- Nesse sanatório, existe um paciente chamado apenas de Yuri. Quero que descubram tudo sobre ele, qualquer coisa. Cruzem os dados com informações referentes ao Caso Varginha.

- Oba, assunto sério - comentou Batista.

Roberto olhou para ele, pediu que também examinassem as impressões digitais do interno na revista, e ainda acrescentou:

- Também quero que incluam nesse serviço dados sobre o Caso do Forte Itaipu em 1957, e com o nome de Phill Reynolds.

Ao ouvir isso, os três se entreolharam em silêncio. Roberto não reparou no movimento.

Leandro, depois de analisar os documentos, disse:

- E o que ganhamos em troca?

Foi a vez de Roberto rir:

- Ora essa, mas e toda sua ideologia: “combater o sistema”, “derrubar as forças ocultas”? Como ficam?

- Temos que ter material para O Farol - disse Franco. - Faz muito tempo que você não escreve para nós, Roberto!

Ele lembrava-se bem, e até concordava. Gostava muito de ajudar os amigos, mas agora que trabalhava em um jornal de grande circulação, sentia-se desconfortável.

- Da última vez, o pessoal lá da redação achou que o estilo do texto era semelhante ao meu! Deus me livre de ligarem meu nome a tão subversiva publicação!

- Qual é! - respondeu Franco. - Um cara competente como você poderia escrever em inúmeros estilos diferentes, é só querer.

Roberto foi até a janela. Como todas, era totalmente escura de dentro para fora, e anti térmica, tornando impossível, segundo os três, que qualquer um os espionasse de prédios vizinhos. Gostava da vista da cidade iluminada lá embaixo, até parecia civilizada.

- Estou me correspondendo com várias pessoas que conheci no Fórum Ufológico de 1997 em Brasília - respondeu Roberto por fim. - Tenho um material incrível que me enviaram, as coisas mais sólidas, digamos assim, estou guardando para a Ovni. Mas tem muito material sobre conspirações, acordos espúrios de abduções por tecnologia alienígena, contatos secretos, mortes misteriosas de ufólogos que se aproximaram demais da verdade. Podemos conversar a respeito.

- O Farol orgulha-se por ter um profissional tão capacitado como colaborador - disse Leandro em nome de todos.

Subitamente, a porta de entrada abriu-se, dois andares abaixo. Os monitores acompanharam a figura feminina de formas perfeitas que encaminhou-se para as escadas. Um minuto depois, ela entrava pela porta de acesso ao terceiro andar.

Angelina era o quarto membro, não oficial, daquele grupo tão diferente. Media mais ou menos 1,70 m, tinha um corpo absolutamente escultural, pele alva e cabelos pretos e lisos. Seus traços pareciam indígenas, de uma beleza exótica, mas seu rosto revelava ter sido submetido a várias cirurgias plásticas. O trabalho fora perfeito, mas ainda assim havia sinais das intervenções. Sua voz era baixa e rouca, vestia-se sempre toda de preto, ou toda de branco, e exatamente pelas intervenções sofridas, não se podia estimar sua idade.

Seu passado era completamente desconhecido. Diversas pesquisas em todos os bancos de dados disponíveis foram incapazes de revelar qualquer informação a seu respeito. Entretanto, quando apareceu há pouco mais de dois anos, fora de vital importância para que se safassem de uma difícil investigação. Franco, especialmente, devia sua vida a ela, que assim acabou conquistando a confiança dos três.

Roberto lembrava-se bem do episódio, afinal acabara fazendo companhia ao velho, como as vezes chamavam Franco, no hospital por uma semana. Fora um caso complicado e perigoso, e ele por vezes tinha pesadelos com o que haviam enfrentado nessa ocasião.

- Ora, vejam quem está aqui - disse Angelina, toda insinuante.

Passou a mão sobre os ombros de Roberto, lançou um olhar todo venenoso para Leandro, que apenas a suportava, e sentou-se no colo de Franco, que estava

sentado em uma cadeira. De lá, lançou um sorriso para Batista, que enrubescia visivelmente e suave frio.

Ela usava jaqueta, minissaia e botas, tudo de couro. Cruzou as pernas, enfiou os dedos num bolso do casaco e de lá tirou um CD, que entregou para Leandro. Este, ignorando os encantos da recém chegada, logo pôs-se a examinar seu conteúdo. Páginas de dados passaram pelo monitor e, para Roberto, não faziam sentido, ao menos da distância em que estava. Levantou-se e caminhou para perto do hacker, enfrentando um guloso olhar de Angelina. Antes que chegasse, porém, Leandro pareceu achar o que procurava. Virou-se na cadeira giratória, deixando livre a visão de Roberto, enquanto dizia:

- Já temos parte do que pediu, amigo. Apresento-lhe o senhor Phill Reynolds.

Dados sobre o militar norte-americano reluziam na tela. Roberto leu apressadamente, detendo-se um pouco sobre uma menção ao incidente de 1957. Não havia dúvidas, Reynolds fora um dos militares dos EUA que visitaram o Brasil na época, com o intuito de analisar os acontecimentos.

- Não entendo, como poderiam saber que informações eu procurava? - perguntou Roberto depois de pedir que salvassem tudo em outro CD.

Os três se entreolharam com estranheza, e Batista, por fim, respondeu:

- Nós que não entendemos! Ligia nos pediu esses dados há alguns dias, e chamamos Angelina para ajudar quando vimos que era coisa grande.

- Achamos que vocês estivessem trabalhando juntos - acrescentou Leandro.

- Afinal, decidiram-se por revelar a seus colegas ufólogos que foram seus avôs os protagonistas do caso? - perguntou Franco.

Roberto estava em silêncio. Não estava entendendo nada. Acima de tudo, porque Ligia estava fazendo aquilo pelas suas costas.

Capítulo Quatro

Morumbi, São Paulo

Q uinze de maio, 11:58 h

Ao menos duas vezes por mês, Roberto costumava ir almoçar no domingo na casa de seus pais. Ele sentia que aquilo era muito bom para manter o que lhe restava de sanidade. Apesar de na maior parte das vezes ele se despedir apressadamente logo após o pai começar a falar sobre a tradição da família, tomar um rumo na vida, etc., etc., ele gostava do clima de normalidade desses encontros.

Nos últimos dias, fora também a primeira vez que ele teve tempo de ver Adriana. Quando a namorada chegou, ficou admirando suas formas, o cabelo comprido e liso, de cor castanho-claro, os olhos verdes e o corpo bem definido, sustentado por muita malhação. Paradoxalmente, se conheceram no último congresso de ufologia que ocorrera em São Paulo, no segundo semestre do ano anterior.

Adriana gostava muito de tarô, magia e misticismo em geral. Na questão extraterrestre, se correspondia com um grupo da Bahia que alegava estar em contato com um comandante alienígena chamado Ashtar Sheran. Roberto, junto a muitos colegas, não considerava que tais pessoas com seu exagerado misticismo fossem sérias, mas como queria muito que aquele relacionamento desse certo, costumava deixar suas opiniões a respeito de lado.

Ao mesmo tempo, lembrou-se de Lígia. Ela fora convocada para uma investigação no Paraná, e só voltaria no meio da semana. A saudade que sentia o incomodava, mas não mais que o fato dela ter pedido informações para os Faroleiros sem o consultar antes. O que diabos ela queria com Phill Reynolds?

Seria algo ligado ao pai dela? Roberto não sabia.

- Está pensativo...

Ele voltou ao mundo real, no exato momento em que Adriana se aproximava, dava-lhe um abraço, e depositava um longo beijo em seus lábios. Com o calor tradicional que se abatia sobre a cidade no mês de maio, Adriana vestia sandálias, bermuda e camiseta regata. Estava bronzeada como sempre, e Roberto já havia desistido de fazê-la esquecer as maravilhas do bronzeamento artificial. A academia que ela freqüentava havia comprado máquinas novas, e ela as utilizava uma vez por semana.

Mais uma coisa a incomodá-lo era a crescente freqüência com que se entregava a pensamentos do tipo: “o que estou fazendo com essa patricinha?” e “será que estou com ela apenas para dar satisfação aos outros?”, estas questões o assombravam nos últimos tempos e, sentia-se ainda mais incomodado ao se dar

conta de que pensara tudo isso durante o beijo com Adriana.

Felizmente, Alfredo, mordomo de seus pais pelos últimos 25 anos, veio resgatá-lo:

- Patrão Roberto, sua irmã Luciana ao telefone.

Roberto não fazia idéia de como seus pais o haviam encontrado. Quando criança, preferia a companhia dele a dos pais. Aliás, essa era uma coisa que não mudara muito com os anos. Alfredo tinha uma postura irretocável, a discrição de um cavalheiro, os modos um tanto afetados mas elegantes e irresistíveis de um perfeito mordomo inglês. Nunca largava a casaca que vestia. E era mesmo filho de ingleses, diplomatas, seu nome completo era Alfredo Morris Endeldorf. Seus pais, que amavam o Brasil, do mesmo modo que Reynolds lhe descrevera, se mudaram definitivamente para cá, e homenagearam a terra dando ao filho a versão brasileira do nome de seu pai, Alfred.

Alfredo ficou conversando amenidades com Adriana, enquanto Roberto atendia o telefone. Logo ouvia a voz da irmã mais velha, que não via há meses:

- Meu querido, estou com um caso complicadíssimo, que acaba com meus finais de semana. Nem pergunte sobre minha vida social!

- Também é bom falar com você, mana.

- Troquei a assinatura do jornal só para ler o que escreve, Roberto! Não deixe que o velho Aristeu o intimide! Aliás, não sei como ainda aparece para esses almoços.

- Porque sempre conto com sua presença para dividir a atenção e os discursos de nosso pai.

Ambos riram. Luciana era outra ovelha negra, e se seu irmão Leonardo não tivesse freqüentado o colégio militar, seu pai começaria a acreditar que estava pagando por todos os pecados com os filhos. Maria Adélia, a mais nova, que ainda estava no colegial, dizia que a primeira coisa que faria ao completar 18 anos seria trocar o nome para Adelle, era a mais rebelde, a típica adolescente revoltada.

Luciana era uma das mais conceituadas advogadas da capital, e era frequentemente chamada para participar de casos em outros estados. Divorciada e sem filhos estava, ao lado de Roberto, muito perto de ser considerada um caso perdido pelo pai, muito aferrado às tradições.

- Ah, e quanto àquele jornalzinho que recebo pela internet, como se chama mesmo, o Farol, não é?

- Quem? Como? - perguntou Roberto.

- Tá, vou fazer de conta que não reparei em certas similaridades de estilo literário.

Luciana sabia das encrencas em que Roberto já se metera em nome de sua cruzada, como ela qualificava seu interesse por ovis. Da última vez que se viram, conversaram a noite inteira sobre como seria se um alienígena

aparecesse na Terra, e tivesse que se defender em um tribunal. Roberto ficou admirado pela capacidade sem igual da irmã em elaborar argumentos no sentido de como nossas leis se aplicariam a semelhante caso. Ele brincou que a chamaria no dia em que descobrisse alguma coisa.

- E a Ligia, como está?

- Em uma missão no sul, parece que volta durante a semana.

- Mande um beijo para ela. E, quanto a Adriana...

- Mana - disse ele com impaciência.

- Está bem, deixo os discursos para nosso pai. Mas se quiser um conselho, ela é linda, maravilhosa, um excelente partido. Mas não sei se é a melhor escolha para você, mano.

Roberto percebeu que ela tinha razão. Tinha certeza que amava Adriana, mas não sabia se isso bastava para que mantivesse a relação. Eram diferentes demais.

- Bem, espero que em breve possamos nos ver e discutir tudo isso. Depois desse grande caso promete que me liga?

- Claro que sim! Ai colocaremos as fofocas em dia, e você vai me contar mais alguns fatos intrigantes de suas pesquisas.

- Combinado, mana querida. Quer falar com mais alguém?

- Não, já estou com o serviço bem atrasado. Bom almoço!

- Obrigado, tchau e um beijo!

- Outro.

Roberto ouviu Luciana desligar. Não teve muito tempo para pensar na conversa que tiveram, pois logo sua mãe anunciava que o almoço estava na mesa.

A refeição transcorria normalmente, e o assunto se dividia entre o relato de Leonardo de sua atuação na academia militar, na qual já ia para o segundo ano, e seu pai Aristeu derramando-se em elogios para com o filho homem mais jovem. Adélia e Roberto, sentados um em frente ao outro, trocavam constantemente olhares de tédio.

Sua mãe, Fátima, sempre procurava tornar o ambiente menos anuviado. As vezes fazia perguntas a um dos outros dois filhos presentes ou a Adriana, e o assunto variava um pouco, até Leonardo comentar algo que logo era emendado pelo pai, e ambos voltavam a ser os únicos que falavam.

Roberto percebeu o aumento do grau de impaciência da irmã mais nova, quando ela passava os dedos pelos quatro brincoes que trazia na orelha esquerda. A adolescente também havia feito um piercing na língua, mas deixara de usá-lo quando o pai percebeu e ordenou que o retirasse, mas Adélia não desistira da idéia de colocar outro, agora no umbigo. E, como típica adolescente, era quase impossível fazê-la desistir de seu intento.

Ele enviou-lhe um sinal silencioso para que se controlasse. Lembrava

perfeitamente do último almoço, quando seu namorado havia aparecido e o pai o interrogou impiedosamente. Aristeu e Adélia discutiram asperamente, e não se falaram por dias, segundo sua mãe. Por isso, Roberto preferiria que aquele encontro, para variar, terminasse em paz.

Novamente Alfredo foi o salvador, mas desta vez de Adélia:

- Patroa Adélia, creio que é sua amiga, senhorita Márcia, ao telefone.

Ela já se levantava sorrindo de alívio, quando Aristeu disse:

- Pode dizer a ela que estamos almoçando, Alfredo, Adélia ligará mais tarde.

Fazendo de conta que não tinha ouvido, a adolescente agradeceu a Alfredo e foi atender. Aristeu completou, depois de insistir com a caçula para que voltasse a se sentar:

- Essa menina está cada dia mais impossível! Fátima, você não a educa?

- Sempre pensei que a educação nos tempos modernos fosse responsabilidade dos pais em conjunto.

Roberto simplesmente não conseguiu se segurar. O pai apenas lançou-lhe um dos olhares que comunicava “esse filho é um caso perdido” veementemente, ao passo que Leonardo acrescentou:

- Essa falta de disciplina no horário do almoço é imperdoável.

Roberto tentou se segurar novamente, mas contra o irmão, que considerava o mais querido animalzinho de estimação do pai, não tinha muitos pudores:

- Leonardo, permita-me perguntar, se eles mandarem você rolar no chão e latir, você cumpre a ordem sem hesitação?

Seu irmão, mais que acostumado a tais provocações, dignou-se apenas a lançar-lhe um sorriso, misto de arrogância e pena. Aristeu disse:

- Seu irmão tem um projeto de vida, de carreira, Roberto! Estou muito feliz que ao menos Leonardo não me decepcionou, e escolheu o caminho certo.

Roberto ignorou a observação, servindo-se de mais uma porção de comida. Não valia a pena argumentar. Leonardo sempre seria o queridinho, o filho preferido que manteve viva a tradição da família. Contra fatos como aquele não havia como lutar.

Alfredo, que saíra para atender a campanha, retornou e anunciou ao patrão, que sempre tratava pela patente militar:

- General, o coronel Alcides aguarda em seu escritório.

Surpreso, Aristeu pediu licença a todos e encaminhou-se para a saleta em que fora instalado seu gabinete. Roberto aproveitou para conversar um pouco com sua mãe e com Adriana. Sem a presença do pai, seu irmão preferiu ficar em silêncio.

Adélia conversava com a amiga assuntos próprios de adolescente, e disse que iria até sua casa ainda naquele domingo. Despediu-se, desligou, e voltou a sala de refeições. No caminho, passou pelo escritório do pai. Como havia ouvido

a campainha, não estranhou que ouvisse duas vozes lá dentro. Aristeu sempre recebia visitas dos colegas de farda, e deveria ser aquele o caso.

Aconteceu que a garota sentiu-se atraída por um certo fragmento de conversa que ouviu:

- General, alguém está fazendo consultas sobre um certo oficial americano que já nos ajudou no passado.

- E acham que é meu filho?

- Senhor, com todo o respeito, Roberto já ameaçou causar problemas antes.

- Já cansei de dizer para ele que todo esse assunto de disco voador é uma bobagem!

- Talvez devesse tentar persuadi-lo com outros argumentos.

Houve uma pausa, e depois a conversa reiniciou:

- Mas, afinal, se é um assunto sem importância, por que vir me incomodar em pleno domingo?

- Certos interesses poderiam ser prejudicados, senhor.

- Se minha solicitação por informações fosse atendida, nada disso estaria acontecendo!

- Também o senhor acredita nas lorotas que esses ufólogos espalham por aí? Nada aconteceu em Varginha!

- E a tal reunião dos generais em Campinas, para a qual não fui convidado? Foi ainda no primeiro semestre de 1996. Se não me informam propriamente, como esperam que eu possa agir?

Adélia voltou a mesa em silêncio quando a conversa foi interrompida pelo telefone do escritório tocando. Não sabia o que fazer com o que havia ouvido. E sabia que não poderia contar a Roberto, não aquela hora, e não ali.

O coronel deixou a casa depois de alguns minutos. O almoço, como não era habitual, terminou em paz. Roberto despediu-se ao final da tarde de sua mãe com um longo abraço, e surpreendeu-se ao ver o pai pensativo, tanto que o cumprimentou de modo mais gentil que o normal. Ficou tão aliviado por não ouvir o tradicional discurso “você precisa tomar um rumo na vida”, que nem percebeu que Adélia saíra para a casa da amiga, levada por Alfredo, ostentando uma face carregada de preocupação.

Campinas, São Paulo

Vinte e nove de maio de 1996

Pela primeira vez na história das Forças Armadas e, surpreendentemente, sem receber maior atenção da imprensa, realizou-se fora da Capital Federal uma reunião com todo o alto escalão do Exército. Reunidos em Campinas, o ministro do Exército e seus quase trinta generais, formalmente inspecionaram várias instalações no interior paulista que estavam sendo modernizadas. Da pauta da

reunião, faziam parte diversos assuntos, incluindo acordos de cooperação com outros países em diversos campos, como o espacial.

E um outro assunto constava da pauta, algo mantido em total sigilo.

No centro de pesquisas médicas da Unicamp, em uma ala reservada e de acesso restrito, grupos de no máximo quatro militares, levaram dois dias para serem postos a par da situação. Ao voltar para o que servia como quartel general da reunião, a Escola Preparatória de Cadetes, não era raro que a maioria manifestasse sua perplexidade com uma expressão carregada.

Quando todos foram informados da situação, e visto todo o material recolhido quatro meses antes em Minas Gerais, vários assuntos foram levantados.

Deveriam esperar uma retaliação? Para onde levar o material? Que especialistas chamar para seu estudo? O que fazer no caso de vazamentos de informação?

E, diante do intruso capturado por último, o mais alarmante para aqueles homens: estariam “eles” entre nós?

Já conheciam os rumores que corriam na imprensa, em especial no meio ufológico. O serviço de inteligência, por sugestão do americano, foi colocado para acompanhar os passos de várias pessoas.

Nada poderia sair errado. A forma com que essa frase foi repetida inúmeras vezes ao longo da reunião, beirava a paranóia.

O Brasil agora possuía uma importante moeda de troca, todos sabiam. Acordos que beneficiavam o país estavam sendo assinados com rapidez. E claro, também sabiam que, para participar daquele jogo, deveriam obedecer as regras.

A principal, sigilo absoluto.

As sugestões foram analisadas. Não se correria o risco de eliminar pessoas perigosas, pois seria quase uma comprovação dos fatos. O velho oficial americano, participando de tudo como convidado, afirmou que o mais sensato seria não eliminar os tripulantes ainda vivos pois poderiam, com o tempo, obter importantíssimas informações.

- Com a graça de Deus, não podem nem pensar em liberar tais fatos! Seria o fim da Igreja!

O cardeal, convidado para a reunião junto a um famoso e influente astrônomo, eram os únicos não militares presentes. Quando ele pediu que lhe fosse permitido contatar Roma, o americano respondeu:

- Não se preocupe, cardeal. A Santa Sé, nesses assuntos, sempre foi uma aliada valiosa.

Todos ficaram assombrados. As revelações que aquele americano havia feito desde janeiro, poderiam acabar com o mundo. Ao menos o mundo ao qual aqueles homens estavam acostumados. O americano ainda tentou acalmar o religioso, afirmando sua crença de que, diante daqueles fatos, para ele próprio ficou muito mais profunda a fé na Criação, que era muito maior que jamais

poderíamos supor.

- E quem garante, afinal, que Ele, que nos visitou há quase dois mil anos, não era um deles?

O cardeal fez o sinal da cruz, e o astrônomo ficou pensativo. O grupo voltou a discussão. Um deles levantou uma questão crucial:

- E Monteiro? É um de nossos melhores generais, deveria estar aqui!

- Um dia ele será ministro de algum governo. É um grande estrategista e burocrata, e foi um dos que implementaram este processo de modernização. É íntegro, honesto, fiel a princípios, a tradição, um excelente relações públicas para o Exército! Não é homem que queiramos envolvido com tais assuntos.

O homem fez uma pausa, e finalizou:

- E, por fim, como nosso bom amigo dos Estados Unidos bem colocou, é impossível acobertar tudo. Parte das informações, quer queiramos ou não, irá vazar e falarão disso por anos. Estamos na era da informação, os meios de comunicação cada vez melhores e mais aperfeiçoados farão todo esse segredo ficar obsoleto em pouco tempo. Poderemos precisar de uma figura exemplar, digna, com habilidade para negar tudo. E tal negação será muito mais convincente se Monteiro for mantido afastado.

Todos concordaram, e passaram a discutir o tópico seguinte. Felizmente, o segundo ponto de impacto, estava em uma região deserta e de difícil acesso.

Capítulo Cinco

Maringá, Paraná

Dezessete de maio, 1:05 h

Ligia ainda estava acordada em seu quarto de hotel. Decidira terminar seu relatório o mais rápido possível, antes de amanhecer, para ter tempo de dar uma volta pela cidade ainda naquela manhã. Precisava espairecer.

A operação da Polícia Federal contra a quadrilha de contrabandistas, ladrões de carga e combustível fora um sucesso. Dezenove pessoas haviam sido presas, e conexões com políticos e homens importantes da região foram descobertas, o que permitia prever que estes teriam um período difícil pela frente. Claro que Ligia não alimentava muitas ilusões quanto a todos esses malfeitores responderem e pagarem por seus crimes. Mas ainda tinha o mesmo idealismo de quando entrou na PF, e estava decidida a dar o melhor de si.

Acreditava na justiça e no sistema, e se este último estivesse manchado, moveria céus e terras para limpá-lo. Era óbvio que tal posicionamento já havia trazido problemas para ela, mas Ligia não estava disposta a ceder.

Entretanto, não era o relatório que estava tirando seu sono. Nem muito menos um ou outro aspecto da operação. E nem sequer os dados sobre Phill Reynolds que Silvia havia levantado.

Foi o que ela e parte de seu grupo viram, no começo da noite, quando estavam de tocaia para dar o flagrante nos criminosos. Lembrava-se do ocorrido há poucas horas com uma clareza impressionante.

- O comandante avisou pelo rádio que, os que faltam para serem presos acabaram de passar por eles. Devem chegar aqui em menos de dez minutos.

- Entendido, estamos à espera.

Celso havia dito aquilo com voz decidida. Havia sido um dos líderes daquela investigação, e estava até contrariado pela prisão dos responsáveis haver demorado tanto. Ligia achou graça:

- Sempre querendo dar uma de durão, Celso!

Ele descontraíu-se um pouco. Haviam se conhecido da academia, e desde então, eram amigos:

- Com essa laia, temos que ser. Ou prefere usar um toque feminino?

- Às vezes funciona, tá?

Todos riram baixinho, e logo fizeram silêncio ao divisarem luzes se aproximando. Vinham da direção da rodovia, e naturalmente assumiram que fossem os bandidos.

- Mas tão rápido, perguntou um olhando para o relógio. Não faz nem cinco

minutos que o comandante ligou!

Aos cochichos, para não serem ouvidos pelos supostos criminosos, foram dadas ordens de manter silêncio. As luzes aproximavam-se rapidamente, e a tensão estava chegando ao máximo.

Foi quando aconteceu. Aquilo que pensavam ser um caminhão cheio de mercadoria contrabandeada subitamente tomou um rumo totalmente diferente, e elevou-se no ar antes de chegar a posição em que estavam. Sem conseguirem se conter, os agentes saíram de seu esconderijo para observar a aparição.

Aquele objeto luminoso agora voava sobre a floresta que circundava a região, passando ao largo de um morro próximo ao mesmo tempo que o iluminava profusamente. Ninguém ali conseguia dizer uma palavra. Só observavam fixamente aquela fonte de luz, absolutamente silenciosa.

Não havia um formato que pudessem divisar. Apenas uma luz branca, irreal, que descartava qualquer possibilidade de aquilo ser um helicóptero ou outro tipo de aeronave. E, além do mais, agora que se aproximava, podiam notar mais um detalhe: o objeto era imenso!

- Mas é do tamanho de um estádio! - um dos agentes gritou sem conseguir se conter.

Finalmente, passou direto por sobre eles, a algumas centenas de metros de altura. A massa luminosa, ou o que fosse, perdeu seu brilho, tornando possível observar uma estrutura em forma de disco, com pontos luminosos multicores espalhados pela superfície, e emitindo um fecho de luz que percorria o solo. Tudo em total silêncio.

Ligia não conseguia parar de olhar para aquilo. O grupo ainda estava unido quando o fecho incidiu diretamente sobre eles. Ficou assim por poucos segundos, antes de novamente correr pelo solo. O objeto afastou-se lentamente, e quando já estava a uns duzentos metros de distância, o fecho de luz começou a ser recolhido.

O objeto não se apagou simplesmente, mas foi recuando em direção a sua fonte, como se fosse algo sólido. Era algo tão surpreendente que nenhum deles conseguia lembrar de se mover. Finalmente, depois de subir devagar até virar um ponto pouco maior que uma estrela, o objeto deu um arranque com tremenda velocidade, desaparecendo na direção noroeste.

Não sabiam quanto tempo havia passado. Segundos, minutos, até mesmo horas, não tinham certeza.

Só voltaram para a realidade quando novamente divisaram luzes a distância, desta vez acompanhadas pelo característico ronco de um motor a diesel.

- São eles, vamos, vamos!

A voz do comandante conseguiu o que parecia impossível: que voltassem à realidade. Tudo, depois disso, aconteceu muito rápido.

Ligía ainda sentia arrepios ao lembrar-se da cena. Todos concordaram implicitamente, sem nem conversarem, a simplesmente omitir aquele evento de seus relatórios. Ela até achou graça quando pensou que Roberto deveria estar ali. Voltando a São Paulo, contaria tudo a ele quando tivesse oportunidade.

Foi ao pequeno frigobar de seu quarto de hotel e apanhou mais uma garrafa de água. Sua mão tremia ao despejar o conteúdo em um copo. Pensou novamente em Roberto, e isso a acalmou um pouco. Enquanto bebia, lembrou-se do entusiasmo juvenil dele, comentando ao telefone, alguma novidade sobre o Caso Varginha, no já distante 1996. Embora admirasse o entusiasmo do jornalista, nunca chegara de fato a acreditar nele. Até agora. Já deitara na cama e levantara repetidas vezes. A lembrança da impressionante visão não a deixava relaxar.

Sua expressão voltou a ficar sombria quando lembrou-se das informações que Sílvia levantara sobre o norte-americano. Reynolds havia sido adido militar na embaixada dos EUA por vários anos, na década de sessenta. Sua colega havia conseguido informações incompletas a respeito de suas atividades depois do golpe de 1964. Ele viajara constantemente entre o Brasil e seu país, realizando missões das quais ninguém sabia de nada. Atualmente, constava que sua residência era no Rio de Janeiro.

A agente ficou particularmente interessada nas informações que diziam que o primeiro registro de Reynolds no Brasil datava de novembro de 1957.

O mesmo mês do Caso do Forte Itaipu.

Ela e Roberto tinham um acordo tácito de que, apenas quando tivessem respostas, revelariam aos colegas ufólogos dele que foram seus avós os protagonistas desse caso.

Sua família jamais quis que isso fosse revelado publicamente. Seu avô seguiu carreira, chegando até o posto de general. O avô de Roberto, por outro lado, saiu do exército e passou a discretamente buscar respostas sobre o que havia ocorrido, levando com isso o pai de Ligía. O que ocorrera durante essa busca era mais um mistério, algo que, possivelmente, tinha abreviado a vida do avô de Roberto.

Quanto a seu pai, Ligía não gostava muito de lembrar. Não queria ter esperanças. Na verdade, as vezes se surpreendia torcendo para que aquela questão interminável finalmente chegasse a um final digno.

Enxugando uma lágrima que ameaçou correr de seu olho, ela voltou a dedicar sua atenção ao computador. Mas era quase impossível se concentrar. Todas aquelas informações, todos aqueles fatos, formavam um turbilhão quase doloroso em sua mente.

Entretanto, não estava tão distraída a ponto de o ruído de alguém mexendo da maçaneta da porta passar despercebido.

Em silêncio, tirou a pistola do coldre sobre o criado mudo, caminhou até a

entrada do quarto e colocou-se atrás da porta com a arma engatilhada.

Quando a porta abriu, um vulto entrou cautelosamente. O homem fechou a porta com todo o cuidado, e a primeira coisa que viu foi o cano da pistola apontado para seu rosto.

- Olá - disse Ligia calmamente. - Procura alguma coisa?

Fez o sujeito encostar as mãos na parede, acendeu a luz e revistou-o, sempre com sua arma apontada. Ligia estava calma, mas a postura do homem, quando falou a deixou inquieta:

- Agente Barros, não quero problemas. Vim apenas conversar.

O homem falava com total tranquilidade, e sua voz era rouca e profunda. Ligia o fez sentar-se em uma poltrona, enquanto ela ficava de pé do outro lado da diminuta sala, sempre com a arma apontada. Ele voltou a falar, sorridente:

- Ligia, estamos perdendo tempo. E não serei eu o maior prejudicado.

- Como sabe meu nome?

O homem riu. Sua aparência era absolutamente comum. Aparentava uns quarenta e poucos anos, alguns fios grisalhos já eram percebidos em seu cabelo castanho, os olhos do mesmo tom, a barba feita com esmero. Era caucasiano sem nenhum traço particular que chamasse atenção. Vestia calça social e camisa de mangas curtas, e por baixo da roupa era visível uma barriga não muito proeminente.

- Sei tudo sobre você, seu pai, e seu avô.

Ela sentiu algo estranho invadir-lhe por dentro. A arma tremeu em suas mãos, a ponto de preocupar o homem:

- Minha cara, estou desarmado, não ofereço qualquer ameaça. Poderia guardar essa arma?

Ela, por fim, voltou ao quarto, apanhou o coldre, encaixou-o no cinto e guardou nele a pistola. Permaneceu com a mão estrategicamente próxima, e sempre de pé diante do homem, perguntou:

- O que quer de mim? E quem é você?

O homem rouco, como já o identificava, deu novamente uma risada:

- Por enquanto prefiro não revelar meu verdadeiro nome. Apenas digo que represento certos interesses, certos grupos, e sua pesquisa sobre o norte-americano chamou nossa atenção.

- Que americano?

Ele riu novamente:

- Ora, cara Ligia, não queira ofender minha inteligência! Sabe muito bem que me refiro a Phill Reynolds!

- Não conheço, talvez uma colega minha tenha comentado algo sobre ele, é só.

- Novamente não está levando a sério nossa conversa.

- Por que ainda não disse o que veio fazer aqui, nem quem é! Se eu não

obtiver respostas, e logo, irei prendê-lo por invasão e fichá-lo na Polícia Federal!

Novamente o homem riu. Sua calma começava a irritar Ligia. Depois de alguns momentos ele respondeu:

- Creio que conhece outras pessoas cuja identidade não é encontrada em nenhum banco de dados.

Cada frase que o homem dizia causava um profundo efeito em Ligia. Ela temia que o estranho pudesse analisar seus pensamentos através de sua expressão:

- O que quer dizer?

- Nada, minha cara. Me perdoe, estou sendo um tanto rude. Entenda que estou em contato com pessoas que não desejam que certas verdades sejam reveladas prematuramente.

- Como o quê?

- Como aquela coisa que viu ontem a noite.

Sua expressão de estupor deveria ser por demais reveladora, tanto que o homem mais uma vez deu uma risadinha. Ligia simplesmente não conseguiu se controlar. A voz rouca voltou a ser ouvida:

- Sim, temos contato com pessoal militar, e do governo. E também com pessoas como nós, no estrangeiro. Esse é um assunto muito sério, minha cara.

De repente, do nada, ele perguntou se ela poderia dar-lhe um pouco de água. A temporada de calor do mês de maio, segundo os meteorologistas, estava no fim, mas ainda parecia verão. Ligia foi até a pequena geladeira e apanhou duas garrafinhas de água, deu uma ao homem e abriu a outra, bebendo avidamente.

Depois de algumas observações casuais sobre o calor, a operação da PF e comentários sobre a cidade, ele voltou a falar:

- Sei que a menção ao nome de Reynolds trouxe-lhe algumas lembranças. E tenho acesso a informações sobre encontros de seu pai e do avô de seu amigo, Roberto Monteiro, com esse homem.

Ligia não saía de seu espanto. A voz do homem a perturbava.

- É verdade que sabemos que esses fatos não poderão ser negados para sempre. Vazamentos, com o crescimento da quantidade de informações e do número de pessoas envolvidas, sem contar as crescentes facilidades dos meios de comunicação, são inevitáveis.

- Que tipo de fatos?

- Oras, preciso citar novamente a aparição de ontem a noite? Deixe-me dizer mais uma coisa, sabemos que o Cindacta, em Brasília, está rastreando aquele objeto desde anteontem! Agora, pelas minhas fontes, o mesmo dirige-se para São Paulo. Bem, é claro que não o conseguimos captar o tempo todo. A tecnologia envolvida...

O homem fez uma pausa, olhou para ela, que novamente tomou outro gole

de água, e prosseguiu:

- Eu mesmo já conversei em diversas ocasiões com Reynolds. Mas não sou tão destemido e obstinado como ele. Pode me considerar um conservador. Até concordo com a atitude de Reynolds, mas não com a impulsividade dele.

Ligia estava confusa. O homem falava sem parar:

- Pare! Está me deixando confusa! O que quer dizer com todo esse papo? Por que está me contando tudo isso?

O homem levantou-se. Ela fez menção de levar a mão a arma, mas ele apenas encaminhou-se para a porta, colocando a mão na maçaneta. Mas, antes de abri-la, voltou-se para Ligia e disse:

- Não fique alarmada, minha cara. Voltaremos a nos encontrar. Sinto que esse relacionamento é promissor. A título de captar sua confiança, pode existir uma pequena possibilidade de resolver o problema de seu pai. O acesso a essa informação é quase impossível mas... quem sabe?

Ligia desmoronou de vez. Não conseguia entender o que aquele enigmático personagem queria. O homem abriu a porta, mas voltou a fechá-la. Novamente sua voz rouca fez-se ouvir:

- Mantenha seu amigo Roberto a salvo. Prometo que farei tudo para protegê-los. Mas vocês têm que ter cuidado com Reynolds. Seus contatos podem chamar um tipo de atenção indesejada. Tentarei ajudar também o velho a não ser consumido pelo que sabe.

Ligia estava absolutamente estupefata. Não havia entendido quase nada do que o homem de voz rouca dissera. Lamentou não haver lembrado de usar seu gravador. Ainda tentou perguntar:

- E o que Reynolds sabe?

O homem já estava no corredor, voltou-se, sorriu novamente, e disse apenas:

- Tudo. Ou o que pensa ser tudo.

Ele saiu caminhando pelo corredor. Ligia foi até a porta, e o perdeu depois da curva que levava aos elevadores. Fechou a porta e foi até a janela, que dava para a parte da frente do hotel. Distraída, olhava ora para a rua lá embaixo, ora para o céu, tomado por estrelas raramente visíveis em São Paulo.

Ficou algum tempo ali, mas não viu ninguém sair. De manhã, chegou a procurar, mas não encontrou o menor sinal do homem de voz rouca.

Amparo, São Paulo

Dezessete de maio, 3:12 h

Os dois auxiliares do sanatório não gostavam muito do turno da noite, mas não reclamavam quando tinham que fazer horas extras. Ao menos, recebiam um pouco a mais nessas ocasiões.

Estava tudo calmo, e eles se permitiram um descanso. Foram ao pátio interno, sentaram-se em um banco, e um deles aproveitou para acender um cigarro. O outro reclamou um pouco com as primeiras baforadas, mas logo eles estavam conversando sobre família, trabalho e sobre os times de coração.

- Olha só aquela estrela, que gozado...

O que fumava olhou na direção que o colega apontou. Realmente, era visível como aquele ponto de luz passava pelas outras estrelas, que permaneciam paradas no céu. Em silêncio, acompanharam sua marcha por uns cinco minutos, antes de a mesma crescer e desaparecer atrás de um morro distante.

Os dois estavam espantados, e logo destilaram algumas teorias para explicar o evento. Meteoro, balão, ou algum avião.

- Mas não tem aeroporto nenhum “praqueles” lados!

- Tem razão, só os vales que ladeiam a serra, não é?

- Negócio estranho... espere, que barulho é esse?

O barulho vinha de uma das celas individuais. Rapidamente eles foram para lá, e descobriram que Yuri estava agitado. Murmurava palavras desconexas, balançava o corpo enquanto segurava-se nas barras da janela, e seu rosto mostrava uma expressão indescritível, um misto de medo e alegria.

- Yuri, se não parar, teremos que dar sedativos e amarrar você!

O interno continuou se agitando. De sua boca, continuavam saindo sons ininteligíveis. Olhava constantemente para o céu, mas os dois homens não fizeram qualquer associação a esse fato.

Só quando apareceram na porta de sua cela o interno fez silêncio. Voltou a encolher-se em seu canto habitual, sem deixar de olhar pela janela. Resolveram que era melhor deixá-lo assim, se o drogassem e amarrassem teriam que fazer um relatório, e não estavam dispostos a ter mais trabalho.

Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro

COMDABRA, Brasília

Dezessete de maio, 4:00 h

O oficial de plantão recebeu seu superior na entrada do prédio com uma continência caprichada, pois o homem que fora acordado no meio da noite não parecia de bom humor.

- O que foi?

- Senhor, o Cindacta acaba de enviar alguns dados sobre um contato que vêm acompanhando desde a região sul.

- É normal essas coisas aparecerem assim, brincarem um pouco e ir embora. O que é tão importante?

Os dois analisaram os dados disponíveis. O oficial acabou se convencendo que aquele caso não era tão simples como pensara inicialmente.

Para seu ajudante, transferido para aquele posto há dois meses, era tudo novidade. Ele ainda se maravilhava com os relatórios que lia, cuidadosamente catalogados e guardados em arquivos. Claro que não tinha acesso a tudo. Em uma sala no porão do edifício, fechada por uma porta com tranca eletrônica de reconhecimento de impressão digital, estavam os casos mais secretos. Apropriadamente, era chamada de “sala dos sonhos”.

Repassaram cuidadosamente as informações. O contato fora detectado pela primeira vez no Paraná, sendo seguido por vários quilômetros. O radar denunciava outros contatos intermitentes ao longo do interior daquele estado e de São Paulo. A linha que os unia parecia mostrar que eram o mesmo objeto.

- Sargento, disse o oficial, quero que se atenha ao protocolo e não comente com ninguém o que viu aqui.

Ele bateu continência, dizendo:

- Sim senhor! Mais alguma coisa?

- Quero que chame estes homens.

O oficial escreveu os nomes em um papel, com os respectivos telefones. Enfatizou que deveriam apresentar-se o mais depressa possível.

- Isto parece sério, sargento, e quero nosso melhor pessoal para investigar.

O sargento ainda pensou em comentar que a verba extra que pediram ainda não fora aprovada, o que poderia ajudar inclusive aquela investigação, mas absteve-se. Já havia aprendido que, naquela área, quanto menos falasse, melhor. Depois de nova continência, foi cumprir a ordem.

O oficial tornou a examinar os dados. Passou-os para um mapa, mesmo sabendo que depois um dos homens que chamara faria aquele trabalho de forma muito mais precisa. Mas mesmo aquela transposição apressada mostrou que a rota do objeto passava nas proximidades, de Amparo.

Apanhou o fone do gancho a sua frente na mesa, e rapidamente teclou um número que só ele conhecia. Quando atenderam foi logo dizendo:

- Aqueles temores que alguns de nós experimentamos em 1996 podem estar se realizando. Recomendo estado de prontidão.

Capítulo Seis

Rio de Janeiro, RJ

Dezenove de maio, 11:00 h

Ligia olhava insistentemente para o relógio. Já havia se arrependido de ter cedido a seus impulsos, e vindo ao Rio para investigar o endereço que tinha como sendo do americano, Reynolds.

Chegara a São Paulo ainda no dia 17, apresentara-se a seus superiores da PF, entregara-lhes seu relatório, e tudo ficara em ordem. Até mesmo pôde trocar rápidas impressões com os colegas, a respeito do objeto luminoso que tinham testemunhado no Paraná, e ficou de uma vez por todas decidido que o evento não seria mencionado. Contudo, ela sabia que teria que contar sua experiência para Roberto.

Tentou esquecer-se dele. Passara as duas últimas noites fazendo amor com Arnaldo, sentira imensas saudades do namorado, mas no íntimo, sabia quem era o único que poderia satisfazê-la.

E Ligia tomava cuidados para que Roberto não soubesse o quanto significavam seus encontros para ela. A agente estava em uma sinuca sentimental, da qual não fazia a mínima idéia de como sair.

Afastou aquele pensamento, ajudada pelos comentários do motorista do táxi. O homem, que parecia a calma em pessoa, mudou de comportamento diante do trânsito infernal daquela região da cidade. Ouviu algo no rádio do táxi a respeito de um protesto de alguma categoria, que provocava a lentidão.

Finalmente chegaram a uma rua que levava à avenida a beira mar, que estava ainda mais congestionada. Cada vez mais impaciente, Ligia perguntou se faltava muito para chegar ao endereço que procurava. Diante da resposta de que já estavam bem próximos, ela num impulso resolveu sair do carro e pagou a corrida, dizendo que iria a pé o resto do caminho.

Colocou sua pequena mochila nas costas, contendo tudo o que precisaria para as próximas vinte e quatro horas. Na verdade, esperava terminar aquele assunto até o final da tarde. Pretendia visitar os três malucos ainda naquele dia.

Fechou a jaqueta que vestia, pois aquele também estava sendo o primeiro dia de outono de verdade. E definitivamente, tempo nublado não combinava com o Rio. Ligia sentia saudades de seus tempos de adolescente, quando morou naquela cidade por quatro anos. Fora uma das melhores épocas de sua vida.

“Era tão menos complicada”, pensou ela.

Logo chegou ao prédio que buscava, na avenida à beira mar. Mostrando a insígnia da Polícia Federal, não teve dificuldade em entrar. Sabia que estava infringindo uma norma importante ao não apresentar um mandado, mas

raramente este era expedido no caso de uma investigação particular.

Tomou o elevador, e momentos depois, estava no sexto andar. Saiu caminhando pelo corredor silencioso, e finalmente encontrou a porta do apartamento de Reynolds. Sentiu seu coração batendo mais forte, e procurou acalmar-se. Tentou esquecer que poderia estar a poucos segundos de saber finalmente por que aquele nome não saía de sua cabeça há dias.

Tocou a campainha, bateu na porta várias vezes, e nada. Decidida a não sair dali sem respostas, Ligia apanhou no bolso da mochila um conjunto especial que todo agente da PF tinha, que abria qualquer tipo de porta. Olhando para os lados, apanhou a peça apropriada e pôde finalmente entrar no apartamento, fechando a seguir a porta atrás de si.

Era um apartamento comum de alguém que vivia sozinho, sem nenhum detalhe especial. A sala de entrada tinha um sofá e uma poltrona circundando uma mesa, e na estante que cobria uma das paredes um aparelho de televisão estava ladeado de livros e objetos de decoração.

Ligia percorreu todo o apartamento, que estava vazio. Um dos quartos aparentemente servia como escritório, e logo ela estava buscando em gavetas e pastas por qualquer coisa, qualquer indício que pudesse satisfazer seu desejo por respostas.

Havia alguns diplomas e condecorações da força aérea norte-americana pendurados na parede. Ligia encontrou papéis sem importância, documentos comuns de carros, imóveis, coisas que qualquer pessoa tem em casa. Estava começando a sentir-se frustrada, quando foi surpreendida por uma pergunta:

- Encontrou o que veio buscar?

A pistola estava em sua mão antes que ela pudesse pensar. Aturdida por ter sido pega de surpresa, Ligia apontava a arma diretamente para a cabeça do homem idoso que a surpreendera.

Era Reynolds, ela sabia, pelo que sua colega Silvia e os Faroleiros haviam descoberto. O americano estava com as mãos erguidas, e depois de alguns momentos assim, ele disse:

- Acho que precisamos negociar para sair deste impasse.

Segundos depois, ainda acrescentou:

- Além do mais, se há alguém que deveria estar na mira de uma arma seria a senhorita, Ligia, que invadiu minha casa sem um mandado, não é mesmo?

A policial cedeu, guardando a arma. Calmamente, Reynolds saiu do escritório e foi até a cozinha, de onde poucos minutos depois voltava com duas xícaras de café. Ligia, constrangida, esperou-o sentada na sala.

- E agora, minha cara, o que posso fazer por você?

O americano disse isso depois de estender uma xícara a ela, sentar-se, e sorver ele mesmo, um gole da bebida. Ligia provou o café, que estava muito amargo para seu gosto, observou-o detidamente, e algo pareceu acender-se

dentro dela, pois disse:

- Enfim reconheci o senhor! Estava com Fábio, o avô de Roberto, quando veio procurar meu pai há nove anos, dizendo que haviam descoberto informações sobre o caso de 1957!

Ela levantou-se e pôs-se a andar pela sala, furiosa. Dúzias de sentimentos conflitantes promoveram uma avalanche em sua mente. Finalmente, ficou de frente para Reynolds e perguntou:

- Foi você, não é? Você que levou os dois naquele dia, você foi o responsável pelo que houve com meu pai!

A tentação de apanhar a arma e fazer justiça ali mesmo foi grande, mas Ligia conseguiu controlar-se. Reynolds, terminando calmamente seu café, repousou a xícara com pires na mesa de centro, levantou-se, olhou a paisagem que se descortinava pela janela, e finalmente voltou-se para sua visitante. Depois de alguns momentos disse:

- Agente Barros, eles vieram comigo por livre vontade.

- Corte esse papo - gritou Ligia. - Você acabou com a vida de dois homens!

O velho cruzou os braços e abaixou a cabeça, balançando-a de um lado a outro como se desejasse negar os fatos do passado. Finalmente, respondeu:

- Ligia, reconheço que os eventos não se desenrolaram da maneira que prevíamos, mas havia uma boa chance de finalmente descobrirem a verdade sobre tudo. A verdade que os governos de nossos países quiseram negar a todo custo.

- De que existem alienígenas?

Reynolds voltou a balançar a cabeça, dizendo:

- Não só que eles existem, como também que estão entre nós, minha cara.

Ligia sentou-se. Não conseguia acreditar em uma palavra que aquele homem estava dizendo. Ao mesmo tempo, a familiaridade com que tratava do assunto a desconcertava.

- Quer saber a verdade? - perguntou Reynolds. - Por mais que muitas pessoas tenham tentado explicar o caso de seus avós como uma agressão, o fato é que foi apenas um acidente. Os visitantes descuidaram-se, e o efeito da propulsão de seu veículo feriu aqueles homens.

Ela ficou ainda mais atônita com o que acabara de ouvir. Começou a chorar, lembrando como esse incidente sempre fora tratado por ambas as famílias.

O avô de Roberto, inconformado com o silêncio imposto pelas autoridades, saiu do exército, passando a buscar respostas. Por várias vezes, sua busca foi interrompida por ameaças, prisões e acusações, além de uma campanha de calúnias. Ligia lembrava-se muito bem da desilusão de Roberto contando as terríveis brigas de Fábio com a família, principalmente quando seu filho, pai de Roberto, decidiu-se por seguir a carreira militar. O pai e o avô de seu amigo jamais voltariam a se falar.

Quanto a sua família, Ligia lembrava-se muito bem o que ocorrera. Seu avô, Ângelo, acabou por continuar no exército, abandonando o meio militar apenas quando se aposentou. Seu pai, Regis, nunca satisfeito com o segredo imposto pela família ao caso, recusou-se a seguir a mesma carreira. Sua busca, entretanto, sempre foi bem mais discreta que a de Fábio. Apesar disso, nenhum dos dois conseguiu resultados. Até que surgiu Reynolds.

- Você acabou com a vida dos dois! Deveria atirar em você agora mesmo!

Enxugando as lágrimas, Ligia ainda estava com raiva. Mais uma vez Reynolds respondeu em tom conciliatório:

- Quando lidamos com esses assuntos, devemos ter muito cuidado. Mas, infelizmente, as vezes nem todo o cuidado basta.

Mais uma vez fez-se silêncio, e o americano voltou a falar:

- Sei que foi procurada por um conhecido meu.

- Conhece mesmo o homem de voz rouca?

Ligia fez a pergunta de forma impulsiva antes mesmo que pudesse pensar nela. Agora arrependia-se. Reynolds deu uma leve risada antes de dizer:

- Como seu pai e o avô do senhor Monteiro, eu e meu... colega, vamos dizer assim, temos modos de atuação diferentes, mas buscamos as mesmas coisas.

- Ele disse que pode ajudar meu pai.

- Sim, existe essa possibilidade. É quase insignificante, é verdade, e decerto não quero que alimente esperanças.

- Faça o que for necessário!

Reynolds riu, voltando a olhar pela janela. Olhou o movimento na rua, ainda congestionada. Disse:

- Não é questão de fazer isso, ou fornecer aquilo, minha cara. As coisas não são simples assim.

Fez uma pausa, e acrescentou, apontando para fora:

- Imagine o que seria, se a verdade sobre eles fosse finalmente revelada. Sim, em algum telejornal do horário nobre, por exemplo! O que acha que aconteceria?

Ligia pela primeira vez sorriu durante aquela conversa. Achava graça na pergunta, pois nunca pensara naquilo, mesmo durante a convivência com Roberto. Respondeu:

- Reynolds, está fazendo essa pergunta para a pessoa errada. O que realmente quero saber é por que seu amigo foi me procurar, e por que você resolveu aparecer para mim e Roberto exatamente agora?

O americano realmente parecia ter uma paciência inesgotável. Olhou para ela como um professor diante de um aluno. Sorriu mais uma vez, ficando em silêncio como se procurasse palavras. Por fim, respondeu:

- Existem muitas pessoas, tanto aqui no Brasil quanto pelo mundo, que já estão preparadas para um contato. Entretanto, raramente essas pessoas são do

tipo que acreditam em fatos totalmente fora do que é considerado normal. E essa matéria não pode ser tratada com fanáticos, ou que se apegam a histórias místicas sem fundamento.

Fez mais uma pausa, e prosseguiu:

- Cara Ligia, como eu sempre soube depois que comecei a me envolver com isso, tal segredo não pode durar para sempre. Tem que começar a ser revelado. E para tanto, precisamos das pessoas certas!

Ele levantou-se, caminhando até a porta e a abrindo. Ficou de lado, e Ligia percebeu que era um convite para que saísse. Frustrada com todo aquele papo, ela voltou a colocar a mochila nas costas, e foi saindo sem olhar para Reynolds. Entretanto, depois que tinha dado alguns passos pelo corredor, o americano disse:

- Vocês, até por sua história, estão muito perto da verdade. Avise Roberto que breve irei ter com ele.

Ligia não se voltou, e continuou a andar enquanto ouvia a porta do apartamento novamente ser fechada. Frustrada, irritada, e ansiando por um banho, ela positivamente não queria mais saber daquela história. Quando apertou o botão do elevador, estava decidida a deixar o assunto exclusivamente para Roberto.

No apartamento, Reynolds ouviu o toque do telefone, atendeu, e logo ouvia uma voz conhecida:

- O que pensa que está fazendo?

Reynolds sorriu, e com um certo sarcasmo respondeu:

- É bom voltar a falar com você, colega.

Aquela voz rouca de seu interlocutor era inconfundível. Ele parecia nervoso, pois perguntou:

- Acabei de ser informado que a agente Barros saiu neste instante de seu apartamento.

Reynolds nada disse. Já fazia idéia de que usavam agentes para mantê-lo sob vigilância, e o outro prosseguiu:

- Ela foi procurar você? Como pôde localizá-lo em tão pouco tempo?

- Talvez tenha me procurado antes, devido a meu encontro com Roberto Monteiro.

O americano ouviu a respiração ofegante do outro, que disse:

- Está louco!? O que disse a eles?

- Ainda nada significativo, apenas o necessário para que se comportem de acordo com meus planos.

- Você sempre foi temerário. Meu grupo está muito preocupado. E sabe que há outros envolvidos. Está jogando de forma perigosa, Reynolds, e logo não vou mais poder.

Reynolds cortou-o antes que terminasse a frase:

- Isso já não importa. Danem-se as conseqüências! Não quero partir antes

de saber que fiz todo o possível para cumprir a agenda. Você sabe muito bem a que me refiro! Todo segredo deve um dia ser revelado, pouco me importam você e os outros. E para tanto, tratei de encaminhar bem esses jovens. Quanto a nós, velho amigo, é hora do adeus.

Desligou sem despedir-se. Reynolds sabia que o tempo agora seria curto.

Casa de Claudeir Bastos

São Paulo, Brasil

Dezenove de maio, 20:48 h

Roberto olhava insistentemente para o relógio enquanto tocava a campainha da casa do amigo. Claudeir era um dos mais conhecidos ufólogos do Brasil, e fora um dos principais pesquisadores do Caso Varginha. Ainda havia muita coisa no caso que não era conhecida, e que fora apenas arranhada pelos pesquisadores.

Enquanto aguardava, Roberto pensou em Ligia. Chegou a ligar para ela na terça, mas a agente apenas disse que estava ocupada, e desligou em seguida. Sabia que ela deveria estar com o namorado, e surpreendeu-se ao constatar como isso o enciumava.

Sentia saudades, já fazia um bom tempo desde seu último encontro.

Foi tirado daquelas reflexões quando Paula, esposa de Claudeir, veio abrir a porta:

- Roberto, que surpresa, você não ligou dizendo que vinha!

Cumprimentaram-se, e Roberto foi convidado a entrar, enquanto dizia:

- Desculpe, mas preciso fazer umas perguntas para o Claudeir, é meio urgente.

- Ele acabou de chegar, e está no banho, vou avisar que você está aqui.

Roberto não teve que esperar muito. Pouco mais de dez minutos depois, o amigo aparecia limpando os óculos com um lenço, colocando-os sobre o rosto, e cumprimentando-o:

- Roberto, fazia tempo que não aparecia. O que deseja?

Claudeir ainda coçou levemente o cavanhaque, antes de emendar:

- Será que finalmente vamos poder publicar aquele artigo sobre seu avô e o de Ligia?

Ele era co-editor da revista Ovni, e era o único na comunidade ufológica em que Roberto confiava o suficiente para contar-lhe o grande segredo. De vez em quando, o assunto do Caso do Forte Itaipu voltava a ser discutido nas diversas listas de discussão na internet, e todos se perguntavam por onde andariam seus protagonistas.

E Roberto já tinha praticamente tudo documentado, esperando apenas pela autorização de Ligia ou sua família. Mas ele fez ver ao amigo que ainda não a conseguira:

- Acho que ainda levará um bom tempo para convencer ao menos Ligia. É pena, eu gostaria muito de finalmente revelar esse segredo!

- O material que já me mostrou com certeza será uma bomba, comentou Claudeir.

Roberto pensou um pouco, olhou para o colega, e perguntou:

- E se eu lhe dissesse que encontrei outro protagonista do caso?

Claudeir, que era um tipo muito tranquilo, ficou espantado, pedindo mais detalhes. Roberto respondeu:

- Fui procurado há uns dias, mais precisamente no começo do mês, por esse homem dizendo-se um militar norte-americano aposentado. Pesquisei sobre ele, e Ligia também o fez, pois casualmente ela viu o cartão que o homem deixou comigo.

Claudeir o questionou em silêncio, e finalmente Roberto disse:

- Ele disse se chamar Phill Reynolds. Os Faroleiros descobriram que o primeiro registro de sua presença no Brasil foi em novembro de 1957. Foi adido militar, e hoje mora no Rio. E inclusive, insinuou que foi ele próprio o autor da política de acobertamento, quando também participou dos eventos do Caso Roswell!

Claudeir sentiu que ainda havia mais, e Roberto não o deixou esperando muito:

- E parece haver alguma ligação dele com o Caso Varginha... Quando conversamos, insinuou que havia muito mais por trás do caso. Me deu este endereço, em Amparo, onde encontrei este paciente, chamado Yuri.

Contou tudo que havia descoberto até ali. Claudeir ouvia fascinado. Roberto ainda acrescentou o que sabia sobre a pesquisa de Ligia, inclusive que ela havia acionado os recursos que possuía na Polícia Federal.

- Por isso, Claudeir, vim lhe perguntar: já ouviu esse nome antes? Há algum relato acerca da presença de um americano em Varginha em 1996? E, principalmente, existe algum indício desse “algo mais” que Reynolds me insinuou?

O veterano ufólogo, que começara a pesquisar esses casos quando Roberto nem havia nascido, recostou-se na poltrona. Paula, que também era ufóloga e ouvira parte da conversa, estava estupefata. Roberto, ainda constrangido por haver atrasado o jantar do casal, esperava uma resposta, ao mesmo tempo sentindo uma tremenda vontade de sair dali.

Ele sabia que estava arriscando sua amizade e sua reputação como ufólogo. Ao mesmo tempo, confiara no amigo quando lhe revelou o que sabia sobre o avô. Esperava que pudesse retribuir o favor agora.

Quem sabe toda a ufologia brasileira saísse ganhando, afinal.

- Muito bem, disse por fim Claudeir, vou revelar alguns indícios que ainda mantemos em segredo, pelo motivo muito simples de serem narrativas de

militares que participaram do caso, mas não podem ser identificados por ainda estarem nas forças armadas. Por sorte, tenho aqui uma das entrevistas que fizemos, e que parece se encaixar exatamente com o que acabou de contar. Eu a estava transcrevendo, antes de voltar a guardá-la no lugar seguro com as demais. Espere um pouco.

Enquanto Claudeir foi buscar a fita, Paula ainda fez algumas perguntas, que Roberto respondeu. Ele não conseguiu evitar sentir um profundo alívio, mas sua expressão agradecida deveria ser tão evidente que a dona da casa sorriu:

- Nesse ramo, uma vez que se entra, não se sai mais, não é?

- Nem me fale, - suspirou ele.

O celular de Roberto tocou. Ele pediu licença e atendeu:

- É Roberto.

- Sou eu.

A voz de Leandro, habitualmente séria, era inconfundível. Ele voltou a falar:

- Sua amiga está aqui com a gente, e gostaríamos que viesse nos fazer companhia.

- Ligia está aí?

Roberto ouviu uma exclamação de impaciência, pois violara uma das regras mais sagradas dos Faroleiros, jamais dizer nomes ao telefone. “Eles” poderiam estar na escuta, era o que sempre diziam. Mas nunca respondiam quem eram “eles”.

Roberto olhou o relógio, e respondeu:

- Estou na casa de um amigo, estarei aí quando puder.

Leandro concordou, e desligaram. No mesmo instante, Claudeir desceu as escadas com uma fita nas mãos. Sem demora, colocou-a no vídeo, ligou a televisão, mas antes de apertar play no controle remoto, disse:

- Claro que não preciso lembrá-lo de que seria prudente não comentar isso com ninguém. Especialmente com os Faroleiros.

Roberto olhou para o casal, e concordou dizendo:

- Como usual, apenas o que pode ser conhecido.

Concordaram, e a um toque a reprodução começou. Em pouco tempo, Roberto ouvia o relato de boca aberta. Sua expressão não mudaria até o final da entrevista.

Capítulo Sete

BLF Informática, centro de São Paulo

Dezenove de maio, 23:55 h

Quando Roberto entrou na sala do terceiro andar, aparentava uma cara de poucos amigos. Na verdade, não estava nervoso, mas estupefato.

Sentou-se ao lado dos três amigos e de Ligia sem dizer uma palavra. Alguns momentos passaram-se assim, até que Franco decidiu quebrar o silêncio:

- Não vai dividir conosco o que está pensando? O que descobriu?

Roberto olhou para ele, a seguir para os outros dois Faroleiros, e finalmente para Ligia. A agente percebeu em seu olhar uma mistura de sentimentos, raiva, medo, amizade, e até mesmo amor. Finalmente, Roberto falou:

- Claudeir me mostrou algumas informações, e dividirei com vocês uma parte.

- Você viu uma daquelas famosas gravações com os militares que participaram do Caso Varginha? Quem aparecia nela? Qual sua patente, e seu papel nos eventos? O que ele contou.

Um olhar dos demais fez o mais jovem integrante do trio ficar calado. Ligia continuava em silêncio. Roberto respondeu, por fim:

- Não posso responder a nenhuma de suas perguntas, Batista, sinto muito. Claudeir respeitou minha vontade e a de Ligia quando lhe revelamos a participação de nossos avós no Caso Itaipu, e portanto respeitarei a decisão dele e dos demais em não revelar nada sobre esses militares que arriscaram a vida dando essas entrevistas.

Fez uma pausa, e prosseguiu:

- Só posso dizer que por coincidência era a entrevista de um cara que participou ativamente de todo o caso, narrando inclusive coisas que ainda não chegaram ao público.

- Que coisas? - perguntou Leandro.

- Há mais por trás do caso, como disse Reynolds? - emendou Batista.

Roberto correu o olhar pela sala, e não encontrou Angelina. Certamente deveria estar em alguma de suas missões secretas, das quais nem os Faroleiros sabiam alguma coisa. Voltou a falar:

- Há muito mais do que já foi publicado. Esse oficial comentou a presença de um americano em Varginha já a partir do segundo dia dos acontecimentos, 21 de janeiro de 1996, sempre orientando e dando ordens. Disse que já era velho, mas muito disposto, e parecia ter muita experiência em eventos assim.

- Acredita que era mesmo Reynolds? - perguntou Ligia.

Roberto olhou para ela, e tornou-se evidente que a resposta era sim. Ele

continuou:

- Esse homem também comentou rapidamente que foi realizada uma quinta captura nas proximidades de Varginha.

Leandro, sempre comedido, não se conteve:

- Uma quinta captura? Significa um quinto extraterrestre!? Como isso nunca veio a público?

Roberto exibiu uma expressão cada vez mais angustiada, mas respondeu com firmeza:

- Porque esse alienígena, ao contrário dos outros, que eram classificados pela ufologia nacional como tipo delta, ou até mesmo alfa, era bem diferente! De acordo com a descrição do militar, e a opinião de Claudeir, esse quinto seria do tipo beta.

Os três, velhos conhecedores da ufologia, ficaram mudos de espanto. Era algo que jamais poderiam imaginar.

Ligia, por seu lado, estava confusa, e perguntou:

- Do que estão falando, seres alfa, beta, delta, o que é isso?

Roberto pediu licença e levantou-se para beber um pouco de água, seguido por Franco. Leandro se concentrou em seu mutismo, e foi Batista quem respondeu:

- Ligia, em todos os anos de ufologia, foram criadas terminologias para classificar a grande variedade de seres nos visitando. Da mesma forma que os biólogos fazem com as criaturas da Terra, por exemplo.

- Facilita seu estudo - concordou a agente.

- Com certeza. Dessa forma, na ufologia brasileira, foi adotado esse padrão. Seres alfa são aqueles clássicos, magros, com cabeça grande em relação ao corpo e membros muito finos. Os delta seriam como animais inteligentes, treinados para executar missões mais arriscadas. Ainda se discute em qual classe se enquadrariam os seres de Varginha.

- E o tipo beta?

- Acreditamos que esse é um dos motivos principais do acobertamento. Os seres do tipo beta poderiam andar tranquilamente entre nós, pois são extremamente parecidos conosco. São humanos, em toda a acepção da palavra!

Ligia estava espantada. Já fazia muito tempo que ela acompanhava as conversas dos amigos, mas nunca reparara nessas peculiaridades:

- Humanos extraterrestres? Como pode ser? E a evolução, como seres de um outro mundo podem ser tão semelhantes a nós? E também, como todos esses tipos podem ter a mesma estrutura corporal, cabeça, tronco, dois braços e duas pernas?

- Que criatura na Terra de uma classe mais evoluída escapa a esse padrão? - perguntou Roberto, já de volta.

- Tem razão - acrescentou Leandro. - Pense nas classes mais evoluídas,

anfíbios, répteis, aves e mamíferos. Todas seguem o padrão de cabeça, tronco e quatro membros! Por que com os alienígenas seria diferente?

Batista, como sempre o mais entusiasmado, acrescentou:

- Ainda mais que a maioria dos cientistas concorda que as formas de vida mais comuns devem ser feitas a base de carbono, como nós, como a vida na Terra. A química orgânica forma moléculas complexas com maior facilidade, abrindo um leque imenso de possibilidades.

Ligia olhou para todos, admirada. Disse:

- Pelo que entendi, um et pode então ser qualquer coisa, desde algo que nunca identificaríamos como outra criatura, ou ser inteligente, até um homem ou mulher?

Todos concordaram, e Roberto, mais calmo, disse:

- Assim, poderiam ser explicados muitos dos mistérios da antiguidade, os deuses que desceram do céu com estrondo em arcos brilhantes, que usavam pavorosas armas e ensinaram a civilização ao homem. Aí, nos mitos antigos, pode estar a explicação de nossa semelhança.

Aquilo foi novamente um choque para Ligia, que digeriu as informações e finalmente perguntou:

- Se isso for verdade, então os deuses antigos estariam voltando? Meus Deus, sabem o que pode acontecer se isso for verdade?

Todos concordaram em silêncio. A mais ninguém, pelo menos naquela sala, causaria espanto o fervor em negar tudo por parte das autoridades.

Enfim, voltaram ao assunto que haviam deixado de lado.

- Roberto, mais alguma coisa? - Batista perguntou.

A fisionomia do jornalista voltou a ficar carregada. Entendia agora porque Claudeir e os demais líderes da pesquisa em Varginha mantinham aqueles depoimentos sob sigilo há anos. Tal material era totalmente explosivo, e exatamente por isso deveria ser divulgado de maneira correta, quando as testemunhas pudessem aparecer abertamente. Poderia ser o xeque-mate final no acobertamento!

- Sim, há mais uma coisa - respondeu ele por fim.

Ficou em silêncio mais uns instantes, aumentando o suspense. Claro que não era essa sua vontade, mas o impacto das informações fora grande demais. Estavam muito perto da verdade, e o peso das revelações era tal, que apenas uma sensação tomava conta de seu espírito: medo.

Roberto disse, por fim:

- Como já disse, esse militar participou de tudo. Sabe coisas assombrosas, e apenas essa entrevista poderia causar uma confusão colossal. Confirmou que aquele legista, Palhares, estava lá em Varginha desde o começo, na noite do dia 20 de janeiro, coisa que não se sabia na época. E, além dessa quinta captura, descreveu a recuperação de dois objetos.

- Dois!?

Todos disseram isso em uníssono, até mesmo Ligia, que de tanto ouvi-los comentar sobre Varginha, já conhecia os principais aspectos do caso. Roberto confirmou, e continuou:

- O primeiro, possivelmente, é o mesmo narrado por aquele piloto de ultraleve, a mesma nave que o casal viu na madrugada do dia 20. O militar comentou que essa nave ainda está aqui, no Brasil.

- E o segundo? - perguntou Franco, surpreendentemente ansioso.

Segundos se passaram. Roberto hesitava em dividir a informação com os amigos. Sentia o peso de conhecê-la, e o risco que representava, e sentia-se desconfortável por colocá-los na mesma situação. Porém, viu que não tinha opção a não ser contar-lhes, e foi o que fez:

- O segundo objeto caiu a vários quilômetros de Varginha, na verdade bem longe, quase na divisa com São Paulo, em uma região deserta.

- E como era essa nave?

Ligia fizera a pergunta, e como os demais pôs-se a espera da resposta.

- O militar não quis revelar. Só afirmou que continua lá, no mesmo lugar.

Aquilo foi o maior choque de todos. Ninguém conseguiu comentar nada por vários minutos. Roberto ainda levantou-se e caminhou até a janela, observando o começo da madrugada no centro da cidade. A maioria dos prédios estava as escuras, com alguma janela iluminada aqui e acolá. Poucos eram os carros que passavam nas ruas lá embaixo.

Ligia aproximou-se e passou o braço por seus ombros. Roberto ainda estava magoado com ela, por haver pesquisado sobre Reynolds por conta própria e sem avisá-lo. Ela parecia adivinhar o que lhe passava pela cabeça, e disse:

- Roberto, desculpe fazer isso pelas suas costas. Mas falei com Reynolds. Ele disse que pode haver uma forma de ajudar meu pai.

Ele virou-se para a amante, olhando fundo em seus olhos. Claro! Como não pensara nisso antes? Abraçaram-se finalmente, permanecendo assim por um bom tempo.

Os Faroleiros começaram a fazer um sem número de especulações, e Batista já se preparava para buscar qualquer referência estranha na região apontada, que pudesse indicar o local da nave, quando perceberam que Roberto continuava colostado na janela, silencioso, acompanhado por Ligia. Franco se aproximou, colocou a mão em seu ombro, e perguntou:

- O que foi, amigo?

- Não vai se juntar a nós na busca pelo local? - perguntou Leandro, contaminado pelo entusiasmo dos outros.

Ligia, ao lado de Roberto, abraçou-o de novo quando Franco se afastou, e perguntou:

- Ainda tem alguma coisa, não é?

Fez-se silêncio. Lentamente, os demais foram se questionando se haviam esquecido alguma coisa. Batista, enfim, soltou uma exclamação de triunfo, digitou rapidamente no teclado mais próximo, e logo vários dados luziam na tela. Roberto veio, literalmente puxado por Ligia, e disse em tom irônico diante do monitor:

- Acho incrível que você não tenham ligado esses pontos antes.

Ali estavam os poucos dados disponíveis sobre o paciente do sanatório de Amparo, conhecido apenas como Yuri. O trio revelava todo seu assombro, enquanto Ligia ainda tinha dúvidas. Finalmente, pareceu ter um estalo, pois perguntou:

- Esperem um pouco. Não vão me dizer que esse cara...

Roberto olhou para ela. Dos outros, um e outro arriscou-se a olhar para a agente, logo desviando o rosto em seguida. Ligia não se conteve:

- Pensam realmente que esse cara é um extraterrestre? Não pode...

Ela calou-se na mesma hora. De acordo com as informações que possuíam, podia sim! E até com um alto grau de probabilidade. Ela voltou a falar:

- Por que alguém em sã consciência enfiaria um alienígena humano em um sanatório?

- Um dia - principiou Roberto -, toda essa verdade será revelada. Mais exatamente, essas verdades. E, nesse caso, talvez essas pessoas tivessem experimentado um pouco de compaixão, e quisessem que no futuro fossem lembrados por algum mínimo traço de decência que tiveram. Uma coisa é livrar-se de corpos alienígenas não humanos, outra bem diferente é fazer o mesmo com alguém que pode até ser parente nosso!

Ele fez uma pausa, e prosseguiu:

- Além do mais, apesar de não conhecê-lo bem, diria que tem o dedo de Reynolds aí. Ele deve ter arrumado encrenca com muita gente.

Seu celular tocou, e ele pediu licença para atender. Leandro aproveitou para revisar as informações sobre o grande contato desconhecido que a FAB e o Cindacta acompanhavam há dias pelo interior do Brasil. Seus contatos não tinham acesso a todas as informações, mas mesmo assim puderam traçar sua rota com razoável precisão.

O último contato havia sido no interior de Minas Gerais, após um sobrevôo de Mato Grosso e a região do Pantanal. Havia notícias esparsas de vôos comerciais que tiveram de desviar-se de sua rota, oficialmente por condições climáticas adversas.

- Sabemos bem como eles são experts nesse tipo de desculpa - comentou Franco.

Roberto voltou, comentou que tinha que sair e que logo estaria de volta, quando revisariam tudo aquilo. Ligia perguntou:

- Quem era?

O jornalista olhou para todos, hesitante, mas por fim respondeu num sussurro:

- Reynolds. Quer se encontrar comigo.

Sem dizer mais nada, encaminhou-se ao elevador. Lígia fez menção de segui-lo, mas então foi seu celular que tocou:

- Alô.

- Lígia, é Silvia.

Sua amiga e colega da Polícia Federal parecia aflita ao dizer:

- Lembra daquele nome que você me pediu para investigar há alguns dias?

Lígia ficou alarmada, virando-se e olhando para o mostrador do elevador, que já estava no térreo.

- O que aconteceu?

- Recebemos um comunicado, trazido por um oficial do FBI norte-americano. Precisamos de você aqui na PF com urgência.

Ela agradeceu e desligou, dizendo aos farsiteiros que precisava ir. Recomendou que continuassem trabalhando naquilo, e sem paciência para aguardar o retorno do elevador, correu para as escadas.

Proximidades da represa de Guarapiranga

Vinte de maio, 1:43 h

Roberto chegou aquela rua de piso de terra rapidamente, mesmo vindo do centro. Aproveitou-se do pouco movimento para correr um pouco mais, e torceu para não ter sido apanhado por nenhum radar fotográfico.

A rua tinha poucas casas, bem separadas. O número que Reynolds lhe dera era o último, uma casa simples bem afastada das demais.

O americano apareceu na porta logo que ouviu o motor do carro. Parecia apressado, pois logo entraram, e foi direto ao assunto:

- O que descobriu?

Roberto estranhou. Aquilo estava muito esquisito, e ele tinha uma sensação indefinível de perigo. Respondeu:

- Com as, diga-se de passagem, poucas informações que me passou, descobri algumas coisas. Parece que suas insinuações de que há muito mais por trás de Varginha eram verdadeiras, afinal.

Olhou para os lados, percebendo um ambiente muito simples e com poucos móveis, iluminado por um candelabro com três velas. Aquela casa parecia muito velha, apesar de não estar mal conservada. Reynolds disse que já fora parte de uma propriedade maior, e que mantinha aquele local como uma conveniência para reuniões como a que estavam tendo.

- Meu amigo, sinto-me feliz que tenha seguido...

- Não segui droga nenhuma - interrompeu Roberto irritado. - Por que esse

jogo, afinal? O que você quer, Reynolds?

O americano descontraíu-se. Tinha um poder incrível para relaxar nas situações mais tensas. Respondeu:

- Se está se referindo as provas que seus colegas ufólogos dizem possuir, pode ficar tranqüilo. Não é esse meu objetivo. Será que você e Ligia não conseguiram ligar os pontos?

- Não há pontos a serem ligados! Você me deu aquele endereço em Amparo e nada mais!

- Mas o que descobriu a partir disso supera qualquer expectativa sua, não é verdade?

Roberto percebeu que jamais conseguiria vencer uma discussão contra Reynolds:

- Sabemos sobre Yuri, e sobre o segundo local de queda. O que está escondido lá?

- Você me disse ser fã de filmes e seriados de ficção científica. Pergunto, quando uma nave, nessas produções, está em graves dificuldades, o que a tripulação costuma fazer?

Roberto pensou um pouco, e respondeu:

- Depende. As vezes há o recurso de separar uma parte da nave e escapar a destruição, em outras eles entram em casulos de escape ou coisas assim.

- Exatamente!

A expressão de triunfo de Reynolds surpreendeu Roberto. Ele ficou olhando para o norte-americano, imaginando o quanto esse homem tinha para contar, o que tinha visto, as coisas que fizera naquelas décadas. Pensou em tudo que haviam descoberto, e no que sabiam sobre Varginha, e começou a tirar as conclusões:

- Está querendo dizer que a nave que o casal viu na madrugada do dia 20 era um casulo de escape?

Reynolds continuou sorrindo e olhando para ele. Roberto continuou seu raciocínio:

- Por outro lado, nesse suposto segundo ponto de impacto, segundo minhas fontes, ainda está o objeto que lá caiu, significando que não o moveram.

Roberto olhou novamente para Reynolds:

- Os destroços da primeira nave foram colocados em caminhões. Mas nesse caso, não conseguiram movê-lo...

O americano continuava sorrindo, e Roberto interpretou o gesto como confirmação que estava no caminho certo:

- E não conseguiram movê-lo, porque se a primeira nave era um casulo. O segundo local de queda...

Mais uns instantes. O som da própria respiração ofegante incomodava Roberto, que finalmente completou:

- Não conseguiram remover a segunda nave porque era grande demais! A nave-mãe!

Ele ainda lembrou-se dos dados mais recentes:

- Algo grande como aquela coisa que está sobrevoando o território nacional há dias!

Reynolds finalmente levantou-se, continuando a sorrir para o ufólogo:

- Seu raciocínio foi excepcional, meu jovem! Isso foi exatamente o que aconteceu!

- Mas não temos notícia de qualquer operação das Forças Armadas naquela região!

- Claro que não! O que sempre ficou evidente em todas as nossas conversas? Eles fazem qualquer coisa para evitar revelar o segredo! Se significa enterrar algo que não pode ser movido, ou fazer muitas outras coisas mais, enterrar muito mais coisas.

- Como quando jogaram o pobre Yuri naquele sanatório?

Reynolds olhou para Roberto, e o brasileiro por um momento conseguiu ver alguma surpresa em sua expressão. O velho respondeu, sempre sorrindo:

- Não sabe as dores de cabeça que tive até convencer seus militares que essa era a melhor opção. Sem contar que era a mais humana.

- Jogar um et, certamente aterrorizado e sozinho, em um manicômio, não é a melhor definição de uma solução humana!

Roberto sempre se pautava pela ética, como jornalista e como ufólogo. Achava que, se oferecessem a ele um lugar na grande conspiração, como os Faroleiros chamavam o complô, nunca poderia aceitar. Reynolds pensou um pouco, e respondeu:

- Meu filho, realmente não faz idéia de com quem está lidando.

- Claro que faço, com os mesmos poderosos de sempre, que fazem tudo para manter o controle!

- Mas não há controle algum! E é isso que os torna mais perigosos!

O americano quase ficou fora de si. Era a primeira vez que Roberto o via assim. Reynolds acalmou-se, sentou em uma das velhas e puidas poltronas da sala, e disse:

- Todos nesse ramo, sem exceção, mantêm a firme convicção que estão no controle das informações, do segredo, de todo o processo. Mas eu fui um dos primeiros a perceber, e tenho certeza que todos que detêm parte desse conhecimento o sabem em seu íntimo, que não temos qualquer controle da situação! Eles estão tão absurdamente a nossa frente, que podem fazer qualquer coisa, tomar qualquer decisão, que nós aqui na Terra não estaremos em posição de fazer nada!

O americano levantou-se novamente, olhando pela janela para o céu, que para seu desgosto estava nublado:

- Controle nenhum. Caro Roberto, você realmente não sabe do que essas pessoas são capazes. Por exemplo, lembra-se há alguns anos, do presidente Clinton desculpando-se pelos experimentos do governo, nos anos 50 e 60, quando pacientes negros foram injetados com materiais tóxicos ou radioativos?

Roberto estava cada vez mais assombrado com aquele homem. Parecia descobrir algo que não percebera antes, Reynolds buscava redimir-se de seus pecados, que certamente, pela sua reação, não seriam poucos. Respondeu:

- Lembro perfeitamente, ainda usamos isso como munição em debates com céticos.

- Quem disse que foram injetadas apenas essas coisas?

Reynolds voltou-se, sentou-se na mesa de centro de frente para Roberto, que já considerava um amigo, e disse:

- Desde Roswell, Aztec, a explosão em Ubatuba, a queda no Kalahari, aquele famoso caso de maio de 1986 aqui mesmo, até Varginha, todos esses casos, e mais diversos outros que não chegaram ao conhecimento público, todos proporcionaram um saber incomparável. Só não sei se estamos preparados para isso.

Fez uma pausa, prosseguindo a seguir:

- Durante os anos 50, uma esquadrilha de ovnis vindo da União Soviética quase provocou um ataque. A partir de então, “trocamos figurinhas” com os russos e com outros países. Claro que apenas coisas secundárias, não o conhecimento mais sensível e estratégico.

Mais uma pausa, e concluiu:

- Depois de Varginha, seu país juntou-se ao clube. Agora, com as facilidades de meios de comunicação, está tudo mais difícil. Vocês já têm os meios de colocar tudo isso em xeque. Só tem que aguardar o melhor momento, que certamente não é agora.

Levantou-se, foi até a porta, e disse que Roberto deveria ir:

- É perigoso continuar a ter contato comigo. Quando for oportuno e dentro de minha agenda, voltarei a procurá-lo.

- Quer dizer que é isso? Me diz todas essas coisas, depois me manda embora dizendo para ficar calado?

- É para seu próprio bem.

Roberto ficou muito irritado. Saiu andando sem olhar para trás, e disse:

- Eu sei o que é para meu próprio bem! Garanto que receberá notícias minhas muito em breve!

Entrou no carro, bateu a porta, ligou-o e deu marcha a ré. Manobrou e finalmente apontou o veículo para a direção contrária a que tinha vindo. Ainda se roia de ódio pelas palavras de Reynolds. Como ele pudera dizer tudo aquilo, depois de tudo que Roberto descobrira?

Subitamente, uma luz ofuscante inundou tudo ao redor, e alguém usando um

megafone disse:

- Pare o veículo, e saia com as mãos para cima!

Roberto literalmente pulou sobre o pedal do freio, e em um instante estava fora do carro, obedecendo a ordem. Alguém o agarrou e arrastou para longe dali. Viu várias figuras correndo de armas em punho, cercando a casa de Reynolds.

A mesma voz no megafone voltou a falar, exigindo que quem estivesse na casa saísse com as mãos para o alto.

Subitamente, enquanto o algemavam, Roberto ouviu um disparo. Por sua percepção, o tiro havia saído de dentro da casa.

Os policiais federais responderam ao fogo.

Sem aviso, uma imensa explosão foi ouvida, e estilhaços da casa voaram para todos os lados. A noite encheu-se de ruídos de destruição, medo e morte.

Capítulo Oito

Sede da Polícia Federal, São Paulo

Vinte de maio, 7:12 h

Silvia Pereira, além de amiga de Ligia, era sua superior imediata. Sabia que ela não havia gostado quando foi impedida de participar daquela operação. Torcia para que entendesse suas razões.

Silvia parecia o contrário de Ligia. Era baixinha, mas não chegava a ser gorda, sendo oito anos mais velha que a amiga. Nas horas vagas, quando estavam juntas, era sempre a mais animada e sorridente. Mas ali, fazendo seu trabalho, era conhecida por ser rigorosa, por vezes implacável.

Estava agora acompanhando o agente do FBI e o homem que havia sido apresentado como seu auxiliar enquanto interrogavam Roberto. Já conhecia o jornalista há tempos e o respeitava muito, mas não estava em posição de impedir que fosse tratado como qualquer outro prisioneiro.

- Como das outras vezes em que fez essa pergunta, repetirei a mesma resposta, esse senhor Reynolds não me disse nada!

Roberto exibiu uma expressão de quem estava exausto, mas não cedia. Por princípio, por temer pela sua segurança devido ao que sabia, e também por recusar-se a ajudar aqueles que qualificava como fascistas. Mais uma vez, exigiu:

- Se estou sendo acusado, quero saber pelo quê, e quero também um advogado. Conheço meus direitos, e sou jornalista, portanto podem contar que qualquer irregularidade que fizerem aqui vai ser noticiada.

Os dois americanos se entreolharam, e Silvia desesperava-se cada vez mais. Imaginava que Ligia a estava odiando pelo que estava deixando que fizessem com Roberto. E ela não gostava nem um pouco que o segundo sujeito, que não apresentou qualquer identificação, participasse do interrogatório.

- Senhor Monteiro, agradecemos sua cooperação, e queremos deixar claro que o senhor não está sendo acusado de nada - começou o sujeito do FBI.

- Mas - continuou o outro -, já deixamos claro que o senhor Reynolds era suspeito de traição contra nosso país, e como em sua carreira em nossas forças armadas o mesmo teve acesso a muito material sensível, nossas preocupações se justificam.

Ele fez uma pausa, e prosseguiu:

- Precisamos ter certeza que Reynolds não lhe disse nada que possa afetar nossa segurança nacional, e nem tenha entregue, ao senhor ou a qualquer pessoa, algum material perigoso. Entenda que agimos assim tanto pela segurança dos Estados Unidos quanto do Brasil.

Roberto recostou-se na cadeira, cruzou os braços, olhou em torno para o aposento muito simples, mobiliado apenas pelas quatro cadeiras e pela mesa em torno da qual estavam. Olhou para os americanos, que falavam um perfeito português sem sotaque, e respondeu com uma pergunta:

- Ajudaria se eu soubesse de que tipo de material estão falando. Mas pelo que sei, a única coisa que ouvi de Reynolds foram insinuações acerca de textos meus na revista Ovní, como se ele soubesse de algo ligado a essa matéria. Mas nunca passou das insinuações, e se perguntarem aos agentes da PF, eles poderão confirmar que saí de nosso último encontro muito irritado.

- O que houve? - perguntou o cara do FBI.

- Foi uma completa perda de tempo! Ele me chamou em plena madrugada, e eu, ingênuo, acreditando que ouviria grandes revelações, fui a seu encontro. Como já disse, ele não contou nada que eu já não conhecesse, informações que estão disponíveis em qualquer bom livro ou revista.

Os dois voltaram a se entreolhar, e depois de trocarem alguns cochichos levantaram-se. O agente federal estendeu a mão para Roberto dizendo:

- Lamento termos tomado seu tempo, senhor Monteiro. Agradecemos por sua colaboração, terminamos aqui.

Dito isso, saíram da sala. Sílvia os observou perplexa, depois voltou-se para Roberto segurando sua mão. Ele fez menção de puxar a sua, mas acabou agradecendo com o olhar a força que a amiga lhe transmitia.

Sílvia levantou-se e saiu da sala, deixando a porta aberta. No corredor, estavam seu chefe, capitão Ciro Cerqueira, os dois americanos e Lígia. A agente disse, possessa:

- Posso saber o que significa isso?

Cerqueira não gostou do tom, mas estava também muito aborrecido por aquela interferência. Disse:

- Agente Pereira, por favor.

- Não Ciro, nada de por favor! Esses caras aparecem aqui, fazem o que bem entendem, o "mauricinho" aqui não apresenta qualquer identificação, e tudo fica por isso mesmo?

Sílvia, apesar do pequeno porte físico e da aparente fragilidade, era uma fera quando contrariada. Lígia, ainda aborrecida, teve orgulho da amiga. Ciro exibiu uma expressão de quem estava para explodir, mas disse em voz baixa que as duas agentes podiam se retirar. Os dois americanos agradeceram e seguiram na direção oposta alguns segundos depois.

Ciro, finalmente, disse a Roberto que ele poderia ir, não havia qualquer queixa contra ele. Também lamentou o ocorrido, ao que Roberto respondeu:

- Também lamento, capitão.

Ele estava se segurando para não explodir nas últimas horas. Nos últimos tempos, experimentara uma multidão de sentimentos conflitantes com relação a

Reynolds. Agora que o velho havia morrido, culpava-se por não haver sido mais tolerante e mais interessado no que o americano dizia. Acima de tudo, culpava-se por haverem sido as suas ásperas palavras as últimas que ele havia ouvido.

Seu celular tocou, e Alberto gritou com ele, mandando que aparecesse na redação o mais rápido possível. Roberto desligou, dizendo desconsolado:

- Mais essa agora.

Ele não encontrou Ligia e Silvia antes de ir embora. Tinham muito o que conversar, mas teria que ficar para depois.

Mais de uma hora depois, tendo enfrentado um trânsito infernal, Roberto finalmente chegou ao Correio Paulista. A redação já fervilhava como era habitual, e foi cumprimentando aqui e ali os amigos e colegas. Alguns perguntaram o que fizera para ser levado a PE, ao que ele respondia desconversando. Foi quando Marcelo Carvalho, seu grande desafeto no jornal, postou-se em seu caminho:

- E aí, Roberto, soube que foi preso numa ação da Polícia Federal, o que aconteceu?

O jornalista olhou-o de cima a baixo, admirando como ele conseguia comprar aqueles ternos caros sem ir a falência. Durante a semana, Marcelo nunca repetia a roupa.

Ele tirou os óculos, e com um lenço foi limpando-os vagarosamente. Percebeu que alguns colegas pararam o que estavam fazendo para observá-los. Marcelo, conhecido puxa-saco, era odiado por bem mais que a metade dos demais jornalistas, e todos ansiavam pelo dia em que alguém lhe daria uma lição. As apostas em Roberto eram as mais altas.

Finalmente ele terminou e colocou os óculos de volta, guardou o lenço, e observou o desafeto. Novamente o olhou de cima a baixo da forma mais irritante que conseguiu, e finalmente disse:

- Que coisa, não eram meus óculos, Marcelo, você é assim mesmo!

Contornou-o como se fosse apenas um obstáculo sem importância, ante vários olhares de aprovação. Marcelo, extremamente ofendido, foi procurar algum subordinado para fazê-lo de vítima de seus impropérios.

Roberto estava a poucos passos diante da porta do chefe, quando a mesma se abriu. Um homem que nunca tinha visto, vestindo um terno escuro e gasto que disfarçava um pouco sua barriga, saiu do escritório, olhou-o sem dizer uma palavra, e caminhou até a saída. Ele o acompanhou por um instante com o olhar, e depois entrou na sala de Alberto. Surpreendeu-se quando o chefe, ante sorrisos amarelos, o recebeu dizendo:

- Roberto, um de meus jornalistas preferidos! Não, nem precisa entrar! Só queria dizer que sei como os últimos dias foram difíceis para você, e que por isso deixarei que tire uns dois ou três dias de folga.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas o editor não o deixou falar. Insistiu para que descansasse, e que fechasse a porta quando saísse.

O jornalista deu de ombros, estranhando muito, mas no fundo convenceu-se que aquela folga viera em boa hora. Cumprimentou o superior com um leve sorriso, fechou a porta e dirigiu-se a saída. Por cima, aquela era uma oportunidade de encerrar de vez certa investigação ainda pendente.

Alberto, mal seu repórter fechou a porta, deu um suspiro de alívio, e ficou a pensar se o melhor seria tirar também uns dias de folga. A lembrança da voz rouca e ameaçadora daquele homem o encheu de arrepios.

BLF Informática, São Paulo

Vinte e dois de maio, 17:55 h

Ligia entrou na sala do terceiro andar da empresa como um furacão. Notava-se pela sua expressão como estava possessa:

- Vocês não seriam loucos o suficiente para ir procurar confusão em uma área militar, e ainda por cima levando Roberto com vocês, seriam?

Leandro, que era a única pessoa na sala, olhou para a agente com o habitual ar de aparente tédio. Ela completou:

- Meus Deus, seriam!

- Para sua informação - respondeu Leandro -, foi o próprio Roberto que insistiu nessa investigação. Infelizmente, fui voto vencido.

Proximidades de Poços de Caldas, Minas Gerais

Vinte e dois de maio, 17:58 h

Os três homens avançavam com todo o cuidado pela trilha fechada, parcialmente tomada pela vegetação. Aquele havia sido um lugar muito freqüentado por praticantes de caminhada e esportes radicais. Desde meados de 1996, entretanto, era uma área de acesso proibido por ordem militar. Houve alguns protestos, mas os praticantes acabaram encontrando outros locais, muito mais próximos de Poços.

Os três já imaginavam o porquê dessa decisão.

Batista consultou o GPS, e viu que estavam a vinte quilômetros daquela cidade em linha reta. Entretanto, a distância total do conjunto de trilhas entre as montanhas da região era muito maior. Nunca fora inteiramente mapeada devido a interdição, mas os cálculos de que dispunham, davam a distância como sendo de pelo menos cinqüenta quilômetros.

Felizmente Franco os havia guiado por caminhos alternativos e, menos de vinte horas depois de terem saído de Poços, já haviam deixado para trás a cerca que delimitava a área. Ele desconversou quando os amigos perguntaram quando conhecera a região e Roberto, mais uma vez, deu vazão às suas teorias sobre

Franco, para distrair-se um pouco.

Não gostava da idéia daquela missão ao desconhecido que ele mesmo propôs, mas tinha que saber. Precisava descobrir o que estava sendo escondido ali. Por ele, por Reynolds, por Lígia, pela ufologia brasileira, em fim, por seu avô.

Porque acreditava que a verdade não deveria mais ser acobertada, escondida, enterrada.

Finalmente, depois de um sinal de alerta, esconderam-se. Usando um binóculo infravermelho, Franco havia localizado a primeira patrulha militar à distância. Dois homens carregando fuzis pendurados ao ombro, passaram em uma trilha secundária a algumas centenas de metros deles. Não puderam distinguir mais detalhes pois já escurecia, e retomaram a marcha quando os supostos militares se afastaram.

Depois de quase duas horas de caminhada, novamente esconderam-se quando perceberam movimentação ao longe. Desta vez era um grupo maior, que saía do que parecia uma caverna na lateral de um morro. Já percorriam terreno descendente em direção a um vale entre montanhas, e aquele morro se situava ao lado da próxima serra da região. Batista estava confuso:

- Não pode ser - disse cochichando. - Pelos mapas que conseguimos, deveria haver um vale, e nada mais! Não há o menor sinal de um morro.

Ficaram em silêncio, cada um pensando no comentário do amigo. Voltaram a observar os homens trabalhando ao longe. Havia um local para o qual iam e voltavam, que tinha uma estranha armação montada sobre o lugar. Depois de muito forçar a vista, regulando o binóculo, Franco disse:

- Claro, só podia ser. Esses caras estão levando alguma coisa para dois helicópteros!

Depois de observarem o movimento por algum tempo, contaram doze homens trabalhando lá embaixo. Iam e vinham da caverna, carregando materiais que os três não conseguiam distinguir. De tempos em tempos, verificavam os arredores, e um deles voltava pela trilha com cuidado para assegurar que não eram seguidos, mas conseguiram uma razoável certeza de que estavam sozinhos.

Enfim, por volta de oito da noite, os motores das aeronaves começaram a roncá, os homens embarcaram, e os helicópteros decolaram, virando-se e voando para a direção oposta a que estavam. Franco confirmou que suas informações davam conta da existência de uma base ou acampamento militar a menos de dez quilômetros de distância onde, por estradas de terra, seguia-se para outras cidades, tanto de Minas quanto de São Paulo ou Mato Grosso.

Depois que as luzes do helicóptero sumiram na distância, Roberto levantou-se disposto a seguir para a misteriosa caverna. Batista perguntou:

- Vamos mesmo andar até lá? Por que tanto interesse em uma simples

caverna?

Franco o olhou como se fosse um inexperiente calouro, mas foi Roberto quem disse:

- Não é uma caverna.

Já passava das nove da noite quando Roberto aproximou-se da escura entrada do que realmente parecia uma caverna, igual a muitas da região. Os amigos preferiram continuar afastados, e o contato pelo rádio era ininterrupto:

- O que está vendo? - perguntou Batista ansioso.

- Se continuar fazendo perguntas a cada minuto e meio, juro que arranco esse caríssimo equipamento de vocês e o jogo no mato!

Roberto sentia seu coração bater cada vez mais forte, e as constantes chamadas de Batista o deixavam ainda mais nervoso. A situação já era por demais inquietante. Franco prometeu que só voltariam a chamar em caso de necessidade:

- Mas fique a vontade para ir narrando seu progresso, certo?

Claro que também temia pelo equipamento. Preso ao lado da cabeça, Roberto levava um conjunto composto de fone de ouvido, microfone e uma minúscula câmera de vídeo. Certamente os Faroleiros não queriam perder a oportunidade de assistir cenas inéditas.

- Combinado, meu velho. Estou quase entrando.

Respirando fundo, Roberto assumiu o risco de ligar a lanterna que trazia, e olhou para dentro. O piso, as paredes e o teto de pedras pareciam absolutamente corriqueiros.

O que não era nada corriqueiro eram os tapumes de madeira colocados uns três metros após a entrada. Muito estranho.

Ele entrou, e ficou adiante do obstáculo. Tentou movê-los, mas viu que estavam fixados razoavelmente bem. Achava tudo muito estranho. Se os militares pensavam em voltar, por que cobrir a entrada? Se a resposta fosse negativa, por que não usar pedras? Aquilo o deixou ainda mais nervoso.

Por fim decidiu-se e, usando um pouco de força e uma faca que trazia, arrancou os tapumes. Deixou-os de lado, voltou a apanhar a lanterna que deixara no chão iluminando o ambiente, e olhou para dentro.

Em um instante, compreendeu que aquilo não era mesmo uma caverna. E também não era um morro.

Um corredor de uns dez metros e de paredes metálicas abriu-se diante dele. Roberto estava absolutamente maravilhado.

Não havia muitos detalhes no corredor. O material de que era feito não era familiar para ele. A luz da lanterna, sua coloração variava entre o cinza e azul, as vezes parecendo o aço inoxidável de painéis ou utensílios de cozinha. Roberto avançou devagar.

Chegou a uma bifurcação do corredor, e escolheu ir para a esquerda. Em ambos os lados havia portas que, depois de algumas tentativas, ele não conseguiu abrir. Continuou andando, fazendo breves contatos com os amigos e relatando a eles o que ia encontrando.

Finalmente, o facho da lanterna revelou uma porta aberta do lado direito do corredor. Ele mais uma vez, sentiu o coração disparar. Respirou fundo e, pela primeira vez, deu-se conta que o ar dentro do que quer que estava, parecia viciado. Um ar pesado, com um cheiro estranho e indefinível.

Finalmente chegou à porta ou abertura no corredor. Apontou a lanterna e olhou dentro do aposento. A primeira vista, não percebeu nada.

Foi quando viu uma luz vermelha piscando, ao lado de uma azul.

Assustou-se, mas conseguiu se controlar. Aproximou-se, e ficou diante do que parecia um console de instrumentos. Contudo, este era totalmente diferente do que Roberto já havia visto, ao vivo ou em alguma publicação sobre aviões, se aquilo em que estivesse fosse mesmo o que estava pensando. Havia alguns instrumentos com escalas e marcações que nunca havia visto antes.

E também havia espaços vazios, onde parecia que estavam faltando peças. Roberto convenceu-se de que era aquilo que os militares estavam carregando para seu helicóptero. Voltou-se para examinar o resto da sala.

Foi quando viu.

Desta vez, não conseguiu evitar um grito de espanto e medo. A lanterna caiu ao chão.

- Roberto, o que foi?

Franco o chamava ininterruptamente, assustado com o grito do amigo. Roberto não respondia.

- Roberto! Responda, o que houve?

Ele ouvia, mas não conseguia dizer nada. Não tirava os olhos daquilo.

Parecia um esquite. E, lá dentro, um par de olhos vermelhos o fitavam.

Capítulo Nove

- Roberto!

Franco levantou-se, disposto a seguir em disparada até a suposta caverna e resgatar o amigo. Foi quando Roberto, para alívio deles, respondeu:

- Estou bem. Espero que esta coisa que me deram esteja funcionando, vocês não vão acreditar.

Chamaram o amigo novamente, mas só conseguiram que ele dissesse que esperassem.

Roberto examinou detidamente a sala em que estava. Se fosse especular, diria que deveria ser uma instalação médica ou algo parecido.

Aquele ser, igualzinho a descrição que as três meninas de Varginha deram ao que viram, estava dentro de um recipiente levemente reclinado de tampa transparente, parecendo plexiglass. Contudo, ele adivinhou que o material seria bem mais resistente. Havia luzes e escalas em uma superfície negra, que interrompia a estrutura principal do recipiente. Essa superfície era feita de um material que parecia plástico. Entretanto, a faca de Roberto não conseguiu nem arranhá-lo.

E o ser, que não parecia vestir qualquer roupa, tinha companhia.

Ao lado, havia outros três recipientes. No último havia outra criatura, mas muito diferente do outro. Na verdade, a maior semelhança era com o próprio Roberto.

A criatura que estava inconsciente ou morta diante dele, poderia ser chamada de humana sob qualquer ponto de vista. Tinha cabelos castanho claros e curtos, pele clara, e uma aparência absolutamente normal. Poderia, se vestisse roupas comuns, andar normalmente pela rua sem ser reconhecida.

Era claramente um homem, e estava coberto por um tipo de tecido, de material indefinível. Se estivesse ali desde 1996, ao contrário do que se poderia pensar, não aparentava haver sofrido qualquer dano físico.

O ufólogo estava boquiaberto. Não conseguia acreditar que estivesse mesmo ali, dentro de uma nave!

- Estou dentro de uma nave!

Disse isso para si próprio, como se tentasse se convencer daquele milagre. Reynolds estava certo! Havia mesmo muito mais no Caso Varginha do que se podia imaginar!

- O que disse, Roberto?

Ele voltou a realidade, respondendo:

- Nada. Vocês não vão acreditar quando virem essa filmagem!

Examinou o restante da sala, e notou que também na área daqueles esquisfes, ou câmaras de hibernação como já as designava, faltavam peças. Teriam os

militares levado outras criaturas, que por ventura estivessem ali?

Certamente, era mais que uma possibilidade.

Examinou mais uma vez a sala, e suas luzes piscando. Olhou para o relógio, e ficou indeciso entre continuar percorrendo o interior da nave, ou tentar tirar algum item ou equipamento dali. Não foi muito bem sucedido em conter a euforia por estar diante da maior chance em cinqüenta anos de ufologia, de provar o ponto de vista de que muitos dos ovnis eram naves alienígenas. Quanto daria para ter Claudeir ou outro colega ali com ele!

Ainda indeciso foi até a porta, examinando com o facho da lanterna o corredor a frente. À direita, percebeu outra sala que parecia aberta. Lembrou-se de examinar a porta, mas a abertura da sala não trazia qualquer sinal da mesma. Deveria deslizar para o lado ou para cima, imaginou ele.

Mais uma vez olhou para as luzes piscando por toda parte naquela sala. Também para os esquivos, onde jaziam os seres. Estariam apenas desacordados? Roberto surpreendeu-se torcendo para que sim.

Subitamente, o reconhecimento da verdade caiu sobre ele como uma bomba.

Luzes piscando!

Seres em estado de hibernação!

- A nave continua funcionando!

Gritou isso, ao mesmo tempo em que sons irreconhecíveis chegavam ao seu fone de ouvido.

Finalmente reconheceu os gritos de Batista:

- Roberto, saia daí, saia daí!

Aquele ponto de luz que Batista e Franco observavam no céu subitamente aproximou-se e cresceu, até a luz intensa que emitia iluminar todo o vale.

Por alguns segundos, os dois ficaram boquiabertos diante da aparição. Aquela massa luminosa, totalmente silenciosa e de formato discoidal, tinha um aspecto tão irreal que demoraram a perceber o que significava.

- Roberto, saia daí!

Franco gritou pelo microfone até ficar rouco. Batista, em seu entusiasmo, filmava o ovni desde que aparecera, gritando frases desconexas.

O objeto começou a emitir fachos de luz multicoloridos para baixo, que batiam no que parecia um morro mas que, pelas palavras de Roberto, já sabiam ser outra coisa. Vários focos de luz do ovni foram então apontados para a elevação.

A seguir, desesperados, ouviram o ruído medonho de terra sendo remexida. Não sabiam o que estava acontecendo. Apenas sentiam o pavor do desconhecido diante deles.

Por fim, jatos de luz começaram a emergir do “morro”, o barulho de terra

sendo revolvida tornou-se ensurdecedor, e logo uma segunda massa luminosa, do mesmo tamanho da primeira, emergiu jogando para os lados muitas toneladas de terra.

A visão era indescritível. Aterrorizados e maravilhados, Batista e Franco não desviavam o olhar um instante sequer. O primeiro cuidava para que a câmera registrasse tudo.

Finalmente, os dois objetos começaram a subir. O vale foi novamente inundado de luz. Quando os ovnis superaram a altura dos montes circunjacentes, deram um tremendo salto, transformando-se em um instante em dois pontinhos de luz no céu.

Logo depois, não havia mais nada. A paz voltou a reinar.

Os dois amigos demoraram alguns momentos para recobrar-se. Descobriram-se olhando para cima, como se esperassem um bis ou algo parecido.

Foi quando se lembraram.

- Roberto, Roberto!

Franco gritava sem parar enquanto corria desabaladamente, junto com Batista, para o local onde a nave estivera enterrada.

Nenhuma resposta no rádio. O desespero começou a tomar conta deles. Onde estaria Roberto?

Enterrado debaixo de toneladas de terra?

Ou...

Não quiseram pensar na outra alternativa. Era irreal demais. E aterrorizante demais.

- Roberto!

Franco nem ligava mais para a garganta dolorida de tanto gritar. Só queria o amigo de volta.

- Roberto!

Batista pensava em tantas coisas de forma tão rápida e desordenada, que sua cabeça doía. Mas só um sentimento o dominava. Se não encontrassem o amigo, aquilo tudo não teria valido nada.

- Roberto!

- Roberto!

- Aqui! Me ajudem!

O som da voz do amigo parecia a Batista e Franco o mais lindo que jamais haviam ouvido. Correram para a direção de onde havia vindo a voz de Roberto, e o encontraram apoiado em uma árvore. Tanto as raízes da planta como as pernas do homem estavam parcialmente enterradas por montes de terra revolvida.

- Vamos, seus medrosos, me ajudem - brincou Roberto.

Rapidamente conseguiram livrá-lo. Depois, os três acionaram suas lanternas, olhando para o panorama inacreditável que se descortinava diante

deles.

Montes de terra de perto de cinco metros de altura se erguiam, formando o que pareciam as bordas de uma cratera. Tudo ao redor estava coberto por uma pesada camada de poeira.

Subindo pelo monte mais próximo, os três puderam ver algo incrível. Parecia que um apocalipse planetário tinha ocorrido.

A luz de suas lanternas, uma grande cratera com mais de cem metros de diâmetro tornou-se fracamente visível. Ainda buscaram por alguns minutos, mas fora isso não encontraram qualquer sinal, vestígio ou pedaço da nave.

Duas horas e meia depois, finalmente encontraram o jipe que haviam alugado para percorrer o trecho transitável da trilha. Afastaram as folhas, gravetos e galhos com que o haviam camuflado, entraram e puseram-se a caminho. Mereciam uma boa noite de sono antes de voltar a São Paulo.

No caminho de volta, luzes de aeronaves cruzaram o céu ao longe. Pareciam dois helicópteros, do mesmo tipo de grande porte que haviam visto antes. Batista os seguiu com o binóculo, e novamente consultando seu relógio com bússola digital e o Gps disse que pareciam seguir para o local do que passaram a chamar “o evento”.

Amparo, São Paulo

Vinte e três de maio, 13:27 h

Roberto fizera questão absoluta de parar no sanatório. Queria ao menos ver novamente Yuri. Queria confirmar o que já sabia.

Encontrou o local cercado pela polícia. Saiu da van dos Faroleiros, perguntando a todas as pessoas com que cruzava o que havia acontecido.

Finalmente, encontrou a mesma funcionária que o atendera antes:

- O que houve, por que a polícia está cercando o sanatório?

A mulher trazia o medo em seu rosto. Apenas agora Roberto percebeu que estava com marcas no queixo, os olhos vermelhos, e arranhões nos braços.

- Me perdoe - disse ele. - O que aconteceu?

A mulher segurou seu braço, e o levou até um canto afastado, atrás de uma construção. Sem deixar de olhar para os lados, disse:

- Nunca vi nada igual! Estava fazendo algumas avaliações extras, devia passar de duas da manhã...

A mulher parecia ter grande dificuldade de se controlar. Tremia muito, parecia sentir frio. Mas Roberto sabia que, na verdade, ela sentia medo. A moça continuou:

- De repente, uma luz inundou tudo... absolutamente tudo... é difícil explicar...

Depois de nova pausa ela prosseguiu:

- Todo mundo dentro do sanatório começou a gritar. Era assustador! Barulho de portas batendo, móveis sendo jogados e quebrados por todo lado...

A mulher descreveu como alguns internos invadiram a sala onde trabalhava, a tomando como refém. Como ela, outros funcionários ficaram na mesma situação. Os internos não paravam de repetir uma frase:

- Eles estão chegando! Vieram para levá-lo!

- E o que aconteceu? - perguntou Roberto.

A mulher soluçava, mas em um esforço final conseguiu se controlar:

- Tudo isso em meio àquela luz medonha que invadia tudo e que não sabíamos de onde vinha. Os internos estavam gritando, não paravam de gritar, e ficavam cada vez mais violentos.

- Me levaram para outra sala junto aos outros reféns, quando todos nós vimos sombras de alguém andando. Havia umas duas ou três. Era estranho, eram tão magros... E, lembrando agora, suas cabeças pareciam grandes, como se usassem capacetes...

Roberto já começava a formar um quadro do que havia acontecido. Não sabia se deveria dividir sua teoria com ela.

- Por fim, tão depressa como surgiu, a luz se apagou. Tudo ficou silencioso. Os internos se aquietaram, e pudemos sair.

- Percebeu algo estranho no céu?

A mulher o olhou com estranheza, respondendo:

- Naquela hora, não pensávamos em nada a não ser em chamar a polícia e sair dali!

A moça descreveu como os policiais chegaram minutos depois. Uma multidão já ocupava as ruas próximas, também assustados com a estranha luz e os gritos que haviam ouvido.

- É tão estranho, depois que tudo acabou, nenhum dos internos voltou a agir com violência. Perguntamos a alguns o que havia acontecido, e nenhum deles se lembrava de nada!

Roberto estava adiando a pergunta que desejava fazer desde que ela citara as estranhas sombras andando por ali, mas decidiu-se num impulso:

- Deram pela falta de um interno?

A moça olhou-o ainda mais espantada. Abriu a boca para falar, mas parecia que a voz não queria sair. Finalmente, reunindo forças, respondeu:

- Fizemos uma chamada geral, e a polícia reuniu todos eles no pátio interno. Repetimos o controle duas vezes.

Roberto já adivinhava o que ela iria dizer, apesar de torcer para que não fosse verdade. Por fim, ela concluiu:

- Não pudemos encontrar Yuri em parte alguma.

Depois de alguns minutos, Roberto entrou na van. Os amigos o cobriram de perguntas, e ele descreveu mecanicamente o que a mulher havia dito.

- Não quer entrevistar as pessoas, procurar outras testemunhas, investigar?

Batista achava que poderiam descobrir mais pistas do que havia acontecido se agissem assim. Até parecia disposto a ficar mais um ou dois dias ali. Roberto pediu para voltar para São Paulo, dizendo que já sabia tudo o que importava.

BLF Informática, São Paulo

Vinte e cinco de maio, 19:53 h

Alberto o havia atulhado de trabalho nesses dois dias, e Roberto pudera retornar ao QG dos Faroleiros apenas naquela quinta. Entretanto, pela voz de Batista ao telefone, já desconfiava que aquela investigação havia deixado poucos frutos.

Os três trabalharam no filme de sua minicâmera quase ininterruptamente desde que haviam voltado. Entretanto, a qualidade das imagens ainda estava muito ruim.

A estática tomara a maior parte da gravação. Efeito da propulsão das naves, especularam, certamente, algum fortíssimo campo eletromagnético. Apenas um ou outro detalhe podia ser percebido. A câmera de Batista, por seu lado, conseguira imagens um pouco melhores, se bem que o mesmo fenômeno se repetiu, apesar de menos intenso. Mas as fotos que obtiveram de certa forma compensaram pelos vídeos, embora as mesmas não fossem realmente uma evidência sólida para comprovar a natureza do que viram.

- Se não quiser conversar com seu amigo Ademar da Ovni, Roberto, iremos publicar esse material no Farol - disse Leandro.

- Estejam a vontade - respondeu Roberto resignado.

Finalmente, também haviam chegado, trazidos por Angelina, os testes nos pêlos de Yuri. A análise mostrou que o DNA não diferia do de qualquer outra pessoa, a exceção de uma ou outra anomalia.

- E essas - explicou Batista -, são comuns, variam de pessoa para pessoa. Talvez até mesmo provocadas pelas condições em que a amostra foi armazenada. Se tivéssemos outra...

- Se houvesse outra amostra, outras imagens, mais provas...

O que Franco disse era compartilhado por todos. Ainda acrescentaram mais peças àquele quebra-cabeça. Fontes dos Faroleiros informaram que os radares de todo o sudeste acompanharam o mesmo sinal que fora captado antes, até que o mesmo, subitamente, desapareceu em algum lugar do interior mineiro. Minutos depois, dois contatos surgiram, ganhando altitude rapidamente. Uma das naves parecia perseguir a outra, ficando assim por vários minutos até desaparecerem sem deixar vestígios.

De toda forma, a edição do Farol com as fotos e o relato parcial do que aconteceu rendeu muita discussão nos fóruns da Internet. Até mesmo no grupo

de discussão da revista Ovní. A absoluta maioria dos ufólogos não fazia idéia de quem publicava o Farol, e não eram poucos a criticá-los asperamente. Mas as fotos que obtiveram naquela noite causaram certa impressão, e a edição do newsletter acabou sendo muito comentada e até elogiada.

O celular de Roberto tocou. Ele atendeu, era Ligia:

- Você está bem?

- Estou - respondeu ele.

Na verdade, não dormira quase nada desde que voltara da aventura. O medo, a excitação e a frustração o dominavam, e sabia que aquilo se repetiria ainda por dias.

- Estive ontem com os Faroleiros - continuou Ligia. - Foi algo muito maluco e arriscado o que vocês fizeram. E a história que eles contaram...

- Pode acreditar, é verdadeira, eu estava lá.

Roberto ouviu pelo telefone uma campanha, e sabia quem era. Ligia disse:

- Arnaldo chegou, tenho que ir. Precisamos nos ver...

- Também estou com saudades... eu te ligo.

Despediram-se, e Roberto voltou para junto dos amigos. Leandro era um excelente desenhista, e sua reprodução das cenas do evento saíram muito fiéis. Pena que não tinham mais evidências.

- Se Roberto tivesse conseguido tirar alguma coisa de dentro da nave, não é mesmo? - comentou Leandro sarcástico.

- Você está é com inveja da gente - disse Batista.

- Nem um pouco, meu caro - respondeu o hacker negro. - Se contar a vocês as coisas que vi antes de conhecê-los...

- Ah, mas aí acho que eu ganho - disse Franco. - O dia que contar o que passei no Pará em... bom, deixa quieto.

Roberto não conseguia esquecer Reynolds, e mal reparou que Franco quase ia entregando o que ele já suspeitava, que o amigo fora militar há vários anos. O jornalista pensou que fora o americano afinal, que o levara até ali. Ficou pensando nas coisas que havia descoberto e em tudo o mais que existia enterrado tanto em algum arquivo secreto, quanto talvez em outro local pouco conhecido do interior do país.

A frustração voltou a dominá-lo, mas desta vez acompanhada de uma grande vontade de seguir em frente. Ainda havia muito o que descobrir.

Em algum lugar do Brasil

Ele ergueu-se do leito com dificuldade. O processo era penoso, e adaptar-se dentro daquela forma não era nada fácil.

Esperou alguns minutos sentado na beirada do leito, mexendo às vezes, as mãos e pés, girando a cabeça e verificando o funcionamento do maquinário.

Observou os recipientes. Os instrumentos que monitoravam o humano funcionavam a contento, incluindo o suporte de vida. Se mais alguém estivesse presente, se espantaria ao ver que os dois homens eram absolutamente idênticos.

Ele se preocupou com a facilidade com que aqueles homens se aproximaram. A entrada daquele sujeito não deveria ter acontecido. Já se sentindo melhor ficou de pé, e começando a se vestir acionou um comando.

- Qual é mesmo o número dele? - perguntou para si mesmo.

Finalmente um sinal de telefone foi obtido, e logo o tom de chamada encheu o ambiente. Ele terminou de colocar a roupa e ocupou-se com a gravata. Afinal o outro lado da linha atendeu, e uma voz rouca perguntou:

- Quem é?

O homem sorriu, e antes de responder vestiu um paletó marrom do mesmo tom da calça. Finalmente disse:

- Sou eu. Você não cumpriu sua parte. Temos que conversar.

Aquele ser voltou a sorrir quando percebeu o homem engolindo em seco.

- E nosso amigo rouco e seus colaboradores ficaram realmente alarmados. Outro evento, bem no local onde ocorreu o de 1996! Achavam realmente que não sabíamos o que escondiam lá.

Do outro lado, seu colega achou graça quando disse que precisava segurar o chapéu, pois ventava muito em Montevidéu. Perguntou sobre coisas que ouvira a respeito do final do ano.

- A virada do Milênio, sim, esse assunto preocupa, respondeu Reynolds. Não apenas pelos malucos que pregam o fim do mundo, ou dos insanos preparando atos de violência. Estes estão cobertos ou ao menos, é o que espero. Mas as vezes fico pensando no que nossos amigos lá de cima planejam. Se é que pretendem aprontar algo.

O homem, mais jovem que Reynolds, perguntou o que este pensava em fazer com Roberto e os outros.

- Já foram bem encaminhados - respondeu Reynolds. - Oportunamente, poderemos dar-lhes novas indicações. Conto com você, velho amigo, para prosseguir com meu trabalho.

Seu colaborador asseverou que podia contar com ele, e Reynolds completou:

- A guerra vai chegar. Como acontece lá em cima com nossos visitantes, acontecerá aqui em baixo entre os que sabem a verdade. Ou partes da verdade. É importante que nos posicionemos antes dos outros. Quando elaborei essa política, lá na década de 40, havia uma agenda. Alguns a esqueceram, mas precisamos voltar a colocar esse tema na ordem do dia. Nenhum segredo dura para sempre!

O americano idoso despediu-se e desligou, voltando a observar o panorama

da capital uruguaia. Muitos assuntos ocupavam seus pensamentos enquanto andava tentando se proteger do frio.

E os nomes de Roberto, Ligia, Itaipu, Roswell e Varginha não lhe saíam dos pensamentos.

- F I M -

O Caso Varginha

Em 20 de janeiro de 1996, um sábado, por volta das 15:30 h, três moças tomam um atalho de volta para casa, passando por um terreno baldio no bairro Jardim Andere, na cidade mineira de Varginha, Minas Gerais.

O que elas viram, uma estranha criatura encostada ao muro que delimitava o terreno, mudou a história da ufologia mundial. Amedrontadas, voltaram correndo para casa. No dia seguinte, o advogado e ufólogo local Ubirajara Franco Rodrigues percebeu a incomum movimentação e os boatos que já circulavam pela cidade, decidiu investigar. Foi quando começou a ser descoberta a estarrecedora cadeia de eventos que ficaria conhecida como Caso Varginha.

Logo acompanhado por outros ufólogos, a destacar Marco Petit, Claudeir Covo e A.J. Gevaerd, este último editor da revista Ufo, os pesquisadores passaram imediatamente a entrevistar testemunhas e buscar evidências.

Logo se soube que o Corpo de Bombeiros recebera uma ligação anônima às 8:30 h da manhã daquele dia 20, para capturar um “animal estranho” que rondava o Jardim Andere. Soube-se que o ser foi capturado, acomodado em uma caixa, e levado por um caminhão militar para a Escola de Sargentos das Armas, ESA, em Três Corações. As testemunhas descreveram uma criatura idêntica a vista pelas três meninas, o que significava que eram dois os seres estranhos rondando pela cidade naquele sábado.

O ser visto pelas moças foi capturado por dois soldados da polícia local, após uma forte chuva de granizo que caiu no final da tarde do dia 20. Tentaram levar o ser para um posto médico mas foram expulsos, e chegaram finalmente ao Hospital Regional às 21h.

Há relatos de uma testemunha que viu soldados percorrendo as matas do Jardim Andere horas antes, às 15 horas do dia 20, tendo saído da mata com dois sacos pretos após terem sido ouvidos tiros de fuzil.

A movimentação no hospital foi descrita aos ufólogos por dezenas de testemunhas, e o ser foi transferido então para o Hospital Huimanitas, mais afastado. Novas testemunhas confirmaram a presença de carros com placas de Belo Horizonte, e médicos vindos da Unicamp.

Tragicamente, o policial responsável pela captura do segundo ser faleceu dias depois, e o laudo da autópsia só se tornou disponível um ano depois.

Os ufólogos descobriram um casal que morava em um sítio, distante 10 km de Varginha. Eles descreveram como, na madrugada do dia 20 de janeiro, testemunharam a passagem, em vôo muito lento, de um estranho objeto cilíndrico sobre a propriedade. O objeto parecia estar avariado, pois soltava fumaça, e desapareceu exatamente na direção do Jardim Andere.

Na madrugada do dia 22 de janeiro, um caminhão da ESA removeu a

criatura, possivelmente já morta, pelos fundos do hospital Humanitas e a levou para essa unidade militar. Em 23 de janeiro, um comboio composto por três caminhões e outros veículos partiu as 4 horas da manhã da ESA, rumo a Campinas. Pela descrição de testemunhas na Unicamp, foi recebida uma caixa metálica com furos, levada por dois soldados, encaminhada para o setor de laboratórios.

Soube-se depois que dentro da Unicamp, tanto no Hospital das Clínicas quanto no Instituto de Biologia, existem laboratórios subterrâneos secretos, para onde foram levados os materiais obtidos em Varginha, incluindo uma das criaturas possivelmente ainda viva. Dados de computadores foram apagados acidentalmente, na tentativa de impedir o acesso de pessoas as plantas dos edifícios, que comprovassem a existência de tais laboratórios.

O Centro Tecnológico da Aeronáutica, em São José dos Campos, igualmente recebeu uma carga vinda da ESA, consistindo em estranhos fragmentos metálicos.

O caso explodiu na imprensa, movimentando as maiores redes de televisão e notícias do Brasil. Diversas testemunhas se apresentaram aos pesquisadores, incluindo militares que revelaram uma série de informações importantes. Sabe-se que desde o final de 1995 as forças armadas norte-americanas vinham acompanhando uma intensa movimentação de objetos não identificados sobre o sul de Minas Gerais. Nas noites anteriores ao evento, a ESA usava holofotes para vasculhar o céu. Na Unicamp, chegou-se a se fazer piadas quando a equipe médica especialistas em autópsias, comandada por conhecido médico legista, pediu para ser abastecida com diversos gêneros alimentícios, com iogurte e outros. Perguntava-se se estavam dando de comer aos cadáveres.

Diante da pressão dos ufólogos, as autoridades envolvidas apresentaram uma série de explicações que pouco sentido faziam, na tentativa de negar os fatos apurados. Em 8 de maio a imprensa foi convocada pelo então comandante da ESA, que leu uma nota negando todas as alegações dos ufólogos. O militar teve um comportamento ríspido quando um dos jornalistas o questionou, afirmando que não estava lá para responder a perguntas, nem tinha que dar satisfação a ninguém. Tempos depois, em um documentário produzido para a BBC, outro militar da ESA afirmou que a extraordinária movimentação de veículos militares descrita pelas testemunhas se devia ao resgate de uma anã grávida e seu marido, também anão, que estavam passando mal..

Antes, em 4 de maio, os ufólogos reunidos em Varginha convocaram uma coletiva de imprensa, na qual revelaram os nomes dos participantes das operações de captura das estranhas criaturas.

No mesmo dia 23 de janeiro um avião Búfalo da Força Aérea Brasileira decola de uma base em Canoas com destino ao sul de Minas, carregando os componentes de um sofisticado radar portátil. Os avistamentos de ovnis

prosseguiam na região, e conforme descrito por testemunhas militares, foi grande o receio por uma possível retaliação alienígena.

Ainda em 26 de janeiro, chegou a Unicamp militares norte-americanos e enviados da NASA, a agência espacial americana. Em primeiro de março seria a vez do então secretário de estado Warren Christopher, que assina acordos espaciais com nosso governo. No dia seguinte, quem chegaria é o então administrador da NASA, Daniel Goldin, que visita as instalações do INPE, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.

Em 29 de maio de 1996, o então ministro do Exército, Zenildo Zoroastro de Lucena, se reúne com o Alto Comando da corporação. Mas, pela primeira vez na história, essa reunião acontece fora de Brasília. O local escolhido foi a Escola Preparatória de Cadetes do Exército, em Campinas. Nos dias seguintes, visitaram diversas instalações nas cidades próximas, uma pauta de eventos estranha para oficiais do mais alto escalão. A reunião foi noticiada apenas por um jornal local.

Testemunhas militares, que estiveram presentes tanto em meio a movimentação nos hospitais quanto no transporte das criaturas, finalmente se apresentaram aos ufólogos e concordaram em ter seus depoimentos gravados. Tais gravações estão espalhadas pelo Brasil, a espera do momento em que poderão ser divulgadas sem que essas testemunhas sejam constrangidas ou ameaçadas.

Anos mais tarde, a revista Ufo iniciou a campanha Liberdade de Informação Já, cuja primeira fase resultou, em 20 de maio de 2005, a uma visita as instalações da Força Aérea Brasileira em Brasília, incluindo o Cindacta (Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle do Tráfego Aéreo), e o Comdabra (Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro). Nesta última instalação, os ufólogos presentes puderam examinar uma série de arquivos classificados como sigilosos, incluindo 50 páginas sobre a Noite Oficial dos Ufos, ocorrida em 19 e 20 de maio de 1986, e outras 179 páginas e 100 fotos da Operação Prato, conduzida pela FAB nas proximidades de Colares, no Pará, nos três meses finais de 1977.

Seguiu-se a isso a segunda fase da campanha, materializada com um documento protocolado em dezembro de 2007 junto a Casa Civil da Presidência da República, visando ao acionamento da Lei 11.111/2005, que trata da salvaguarda de documentos sigilosos. A lei determina que documentos classificados como secretos devem permanecer resguardados por no máximo 30 anos, sendo a seguir liberados para consulta a população. É com absoluta certeza o caso dos documentos relativos a Operação Prato, descrita acima. A campanha Liberdade de Informação Já, segue e além dos casos descritos nos últimos parágrafos, também visa a liberação, pelo Exército, dos documentos relativos ao Caso Varginha.

Aguarda-se o pronunciamento das autoridades.

Sobre o Autor

Renato A. Azevedo é engenheiro, e entusiasta da Ficção Científica e Fantasia. Seus primeiros trabalhos foram publicados em 2002. No mesmo ano, tornou-se membro do Conselho Editorial da Revista Ufo, como consultor de Ficção Científica, ciências e astronomia, na qual, em 2005, foi editor convidado para a publicação de uma edição especial com o tema Alienígenas na Ficção Científica. Em 2001 tornou-se colaborador da Revista Scifi News, onde foi responsável pela coluna Espaço Óvni, e posteriormente passou a escrever para a coluna Quem Conta Um Conto..., com a série intitulada *A Lista*, lidando com o sub-gênero das realidades paralelas. Além disso, também é co-editor do site Aumanack, e escreve periodicamente para o blog Escritor com R. Já escreveu oito livros de Ficção Científica e duas coletâneas de contos. *De Roswell a Varginha* é o romance que inicia um novo universo de sua criação.

Contatos:

escritorcomr@uol.com.br

Sobre a Editora

A **Tarja Editorial** é uma editora dedicada a literatura fantástica. Tem como missão publicar autores contemporâneos, nacionais e estrangeiros. E como ação o pioneirismo, ditando tendências com as primeiras publicações de contos de Steampunk nacional, New Weird Fiction no Brasil, mush-up brasileiro, coletâneas de contos Queer, entre outros sucessos. Não somos ainda a maior editora brasileira de gênero, mas somos a que mais cresce a cada ano.

Contatos:

contato@tarjaeditorial.com.br

www.tarjaeditorial.com.br

www.facebook.com/TarjaEditorial

Leia também pela Tarja Editorial...

Jeff VanderMeer

“Em A Situação, [o autor] criou um mundo de humor surreal, tristeza estupefata e artifício meticuloso. É como se os romances de Sinclair Lewis e Joshua Ferris tivessem sido invertidos, sacudidos e cortados em pequenos pedaços até eles se parecerem com uma criação de Terry Gilliam. Que uma história que se curva tão resolutamente em sua própria lógica possa ser tão pungente é de causar perplexidade.” - *Kevin Brockmeier*

“Pegue Dilbert, ponha-o dentro de Gormenghast, acrescente pesadelos biotecnológicos em abundância e você terá algo com sabor de A Situação de VanderMeer. A sombriamente hilária história conta as horríveis verdades do trabalho e do local de trabalho modernos. Qualquer um que já tenha tido um colega disfuncional ou tenha trabalhado para uma organização falida vai reconhecer as maquinações e os monstros aqui. - *Margo Lanagan*



SITUAÇÃO

Impressão